

Rainbow Pilgrims of Faith



RECONCILIAÇÃO A PARTIR DAS MARGENS



Histórias de pessoas
LGBTIQ+ de fé

Eds. Kerstin Söderblom,
Martin Franke-Coulbeaut,
Misza Czerniak, Pearl Wong



RECONCILIAÇÃO A PARTIR DAS MARGENS



Histórias de pessoas LGBTIQ+ de fé

Índice

Prefácio por Rt Revd Olav Fykse Tveit	2
<i>Queerizando a teologia. Queerizando os textos bíblicos.</i> Introdução por Kerstin Söderblom	3
<i>Identidade libertadora – lendo a Bíblia e a própria vida.</i> Introdução por Martin Franke-Coulbeaut	6
Africa	
Felicia – Gana	8
Uchenna – Nigéria	10
Ecclesia – África do Sul	12
Kasha Jacqueline Nabagesera – Uganda	14
Europa	
Hendrika Mayora – Indonésia	36
Pauline – Singapura	38
Summer Sea – Coréia do Sul	40
Chen Xiaoen – Taiwan	42
Américas	
Ana Ester Pádua Freire – Brasil	16
Noah Brown – Canadá	18
Fabio Meneses – Colômbia	20
All-in Saltillo – México	22
June Barrett – Estados Unidos	24
Ásia	
Eros Shaw – China continental	26
Joseph Yang – China continental	28
Shirley e Bell – Hong Kong	30
Small Luk – Hong Kong	32
Arisdo Gonzalez – Indonésia	34
Oceânia	
Tony Franklin-Ross – Nova Zelândia	58
Histórias inter-religiosas	
Maximilian Feldhake – Alemanha	60
Muhsin Hendricks – África do Sul	62
<i>Obrigado</i> por Mette Basboll e Gabriele Mayer	64

PREFÁCIO

Apresentamos, com satisfação, esta contribuição para o compartilhamento de ricas experiências e reflexões na família ecumênica. Ela reúne importantes histórias de pessoas LGBTIQ+ de fé de todo o mundo. Desta forma, contribui para a compreensão da diversidade humana e amplia o horizonte da experiência humana, com a qual as igrejas e outras instituições religiosas precisam se relacionar mais seriamente. O que a diversidade da criação implica e o que significa ser humano, criado à imagem de Deus, são processos contínuos de aprendizagem para as igrejas.



Como muitas das histórias reunidas confirmam, a família ecumênica tem um longo caminho a percorrer quando se trata da proteção dos direitos humanos e da dignidade humana das pessoas LGBTIQ+. Não importa como entendemos a identidade humana e a sexualidade teologicamente, qualquer pessoa deve se sentir segura e bem-vinda em sua família, sociedade e comunidade de fé. Infelizmente, este não é o caso hoje. Há algumas semanas, Oslo foi atingida pelo terror na noite anterior ao desfile anual da festa do Orgulho. Muitas pessoas LGBTIQ+ se sentem inseguras – mesmo em estados liberais como a Noruega. Enquanto o ódio e a intolerância continuarem a violar e limitar a vida das pessoas LGBTIQ+, as igrejas não podem descansar.

Através da "Missão a partir das margens", o movimento ecumônico tem enfatizado que a missão não é algo feito pelos poderosos aos impotentes, pelos ricos aos pobres, ou pelos privilegiados aos marginalizados. De maneira semelhante, este projeto de "Reconciliação a partir das margens" não descreve apenas o significado da cura das relações entre pessoas LGBTIQ+ excluídas e suas famílias. Ele também ressalta o quanto esta reconciliação é essencial para a comunidade mais ampla e para as igrejas. A forma como a sociedade e as comunidades de fé tratam as pessoas LGBTIQ+ exibe aspectos importantes de sua qualidade compassiva e humanitária.

Oslo, julho de 2022

Rt Revd Olav Fykse Tveit
Bispo presidente da Igreja da Noruega

* N.T. Nesta introdução e no título desta publicação, optamos por traduzir o termo *queer* para LGBTIQ+ quando ele for sinônimo de identidade ou sexualidade dissidente, por ser um termo mais comum no Português (BR).

Kerstin Söderblom

QUEERIZANDO* A TEOLOGIA



As pessoas LGBTIQ+ lêem a Bíblia e os textos teológicos com olhos LGBTIQ+. Elas relacionam histórias bíblicas com suas histórias pessoais e vice-versa, fazem teologia com um coração e uma mente próprias de suas experiências e não pedem mais desculpas. Na verdade, é isso que todas as pessoas fazem. Fazer teologia é uma coisa muito pessoal e contextual. Está ligada ao tempo e ao espaço e nunca é um esforço objetivo. Parece, no entanto, ser um grande problema quando as pessoas LGBTIQ+ o fazem. Os teólogos e igrejas tradicionais condenam tais ações como tendenciosas ou não corretas.

O problema: ao longo dos séculos, as pessoas ouviram as vozes masculinas de estudiosos e professores, padres e bispos, que defendiam uma estrutura hermenêutica e hetero/normativa e de interpretação teológica dominada pelos homens. E todos eles estavam extremamente interessados em dizer às pessoas como viver e a quem amar.

Por esses e outros motivos é tão importante ouvir as pessoas LGBTIQ+ de fé hoje. Suas vozes não têm sido muito escutadas. Levem a sério as experiências das pessoas LGBTIQ+ e vocês serão expostos ao conhecimento especializado a partir das margens. Vocês aprenderão com as pessoas que tentam superar o "chamado impossível": ser LGBTIQ+ e ser religioso.

Os autores e autoras dos depoimentos reunidos nesta publicação contam histórias únicas sobre como cada um e um deles tenta conciliar a busca pessoal de um lar espiritual com o fato de ser LGBTIQ+. Ao mesmo tempo, a maioria deles está em desacordo com sua cultura e contexto religioso predominante. Ao contar suas histórias, eles ampliam seus corações e horizontes. Em outras palavras: eles oferecem energia transformadora às comunidades religiosas que estão em perigo de se alienar da vida cotidiana ao construir muros e defender os valores tradicionais contra qualquer coisa e qualquer pessoa que pareça ser diferente.

* N.T. Optamos por manter o termo *queer* no inglês quando ele for usado como verbo. Neste caso, "queerizar" é sinônimo de "tornar queer".

Durante décadas, as pessoas LGBTIQ+ lutaram para reivindicar o termo “queer”. Originalmente, era uma palavra de baixo calão (palavrão) usada para ridicularizar e discriminhar lésbicas, gays, bissexuais, trans e pessoas intersexo (LGBTIQ+). Nos anos oitenta e noventa do século XX, porém, eles começaram a transformar o termo pejorativo em um recurso significativo. Desde então, o termo *queer* serve como uma autodescrição orgulhosa para todos aqueles e aquelas que ou não se encaixam em categorias heteronormativas de sexualidade ou identidades binárias de gênero.

Neste sentido, os autores e autoras desta publicação são sujeitos de um trabalho teológico *queer** em andamento. Seus testemunhos refletem o cotidiano de pessoas que, por causa de sua orientação sexual não-heteronormativa ou identidade de gênero não-binária, experimentaram zombaria, ódio, violência física ou psicológica ou exclusão, muitas vezes realizada em comunidades religiosas – com a Bíblia em suas mãos. As pessoas LGBTIQ+ de fé encarnam abordagens críticas às fontes opressivas da teologia e buscam respeito e inclusão radical.

A variedade colorida de testemunhos questiona os chamados “conceitos autoevidentes” de sexualidade e identidades de gênero, e atravessa fronteiras e normas. Eles os “queerizam”, como dizem alguns estudiosos, e se abrem para novos horizontes biográficos e teológicos.

* N.T. Optamos por manter o *queer* no inglês quando ele for usado como adjetivo.

QUEERIZANDO OS TEXTOS BÍBLICOS

As abordagens *queer* da hermenêutica bíblica não justificam mais defensivamente a diversidade sexual e as diversas identidades de gênero, mas assumem-nas como dadas. Todos pertencem à criação de Deus e tudo é maravilhosamente formado. Com relação às descobertas bíblicas, no centro do debate não estão mais os poucos versículos sobre a homossexualidade, os chamados “textos de terror” – aqueles versículos bíblicos que são usados para se opor à homossexualidade (Lev. 18, 22; Lev. 20:13; Deut. 23, 17; Rom. 1, 18-32; 1 Cor. 6, 9-10; e 1 Tim. 1, 9-10). Estes textos foram escritos predominantemente para distinguir convicções religiosas específicas dos antigos contextos cananeus e/ou greco-romanos de prostituição de culto, pedofilia e contatos homossexuais entre homens casados. Os estudiosos bíblicos não consideram esses poucos versículos bíblicos como significativos para os contextos de vida LGBTI+ do século XXI.

A mensagem bíblica básica é esta: cada pessoa é considerada como uma imagem única de Deus (cf. Gn 1, 27). Ela garante a dignidade a todas as pessoas – independentemente de sua origem, cor da pele, idade, habilidade física, identidade de gênero e orientação sexual. Além disso, as pessoas com suas diversas sexualidades e identidades de gênero estão igualmente incluídas no “Duplo Mandamento de Amor” (Marcos 12, 29; Mateus 22, 34-40; Lucas 10, 25-28). O mandamento de amar a Deus e ao próximo como se deve amar a si mesmo não faz distinção entre pessoas individuais. Em vez disso, todos devem amar a Deus e respeitar os outros, tanto quanto todos merecem respeito e reconhecimento por parte dos outros.

Além disso, a busca de traços não-heteronormativos nas histórias bíblicas é uma parte importante do processo de *queerizar* os textos bíblicos. Imagens não-binárias de Deus são descobertas. E são identificadas figuras bíblicas, que podem ser lidas e compreendidas além das categorias heteronormativas e além das identidades binárias de gênero.

Para este fim, tradições exegéticas heteronormativas são reveladas, e outras possíveis interpretações são apresentadas. Pesquisas sobre tradições sócio-políticas, históricas, culturais e linguísticas hermenêuticas são realizadas. Estudiosos *queer* usam lacunas literárias e espaços vazios para apontar diferentes significados e interpretações de textos bíblicos. Promove-se a leitura nas entrelinhas e as reações críticas, a fim de incluir perspectivas *queer*.

Além disso, a pesquisa teológica *queer* exige que dimensões de homofobia e hostilidade trans estejam ligadas a outras dimensões de injustiça, tais como racismo, sexism, antisemitismo, colonialismo, anti-idade e capacitismo. Tal análise multissistêmica é necessária para poder descrever adequadamente as estruturas de poder e desigualdade nas igrejas e comunidades religiosas, que afetam a vida das pessoas.

Os autores e autoras desta publicação contribuem com suas visões específicas para esta textura complexa, contando suas histórias como pessoas LGBTIQ+. Eles e elas falam sobre dúvida e fé, esperanças e medos. E tudo isso está interligado com outras questões, como diferentes continentes, nacionalidades, cor da pele, contextos culturais e sociopolíticos, e várias denominações religiosas. Se os leitores ouvirem atentamente, poderão aprender com suas vozes a como sobreviver em ambientes hostis, e como moldar sociedades e comunidades religiosas de uma forma afirmativa e inclusiva para todas as pessoas.

Martin Franke-Coulbeaut



IDENTIDADE LIBERTADORA – lendo a Bíblia e a própria vida

Descobrir a diversidade da vida cotidiana na Bíblia é tanto coletivamente quanto individualmente um importante instrumento de libertação da vitimização. A norma binária e heterossexual da sociedade convencional (“uma pessoa é apenas uma mulher ou um homem”, assim como “o sexo é apropriado apenas entre indivíduos de sexo oposto”) significa que os membros de minorias LGBTQI+ precisam de uma decisão consciente para encontrar sua própria identidade.

Muitos dos testemunhos de pessoas LGBTQI+ de fé apresentados nesta publicação mostram que essas identidades muitas vezes têm que ser desenvolvidas contra as mensagens confirmatórias de suas próprias comunidades de fé: Kasha Jacqueline Nabagasesera escreve sobre “interpretar mal a doutrina” que exclui as lésbicas em Uganda. Da China, Eros Shaw e Joseph Yang relatam que primeiro tiveram que se apoiar mutuamente nas Comunidades Arco-Íris para poderem viver sua fé como gays. Sentir-se sozinha com a própria identidade é um dos maiores obstáculos no caminho da afirmação.

Bissexuais como Bell e Shirley de Hong Kong e Uschi da Polônia são geralmente atingidos ainda mais pela exclusão do que lésbicas e gays que muitas vezes já encontraram um espaço seguro, pelo menos em sociedades mais abertas. Para pessoas trans e intersexo como Hendrika Mayora em Papua, Small Luk de Hong Kong e Ivon da Alemanha, muitas vezes, há ainda menos modelos para um processo de “saída do armário” ou transição. Seus depoimentos podem ser encorajadores e úteis.

Pauline, de Singapura, descreve que apesar das lutas internas e externas, a fé também é uma força de reconciliação com Deus durante a “saída do armário”: “Durante aquele tempo sombrio, a única coisa que me manteve em movimento foi um profundo conhecimento em minha alma de que de alguma forma Deus me amava e por alguma razão, Deus estava bem comigo, e eu estava bem com Deus. Cada vez que clamrei a Deus, uma paz e uma segurança inexplicáveis inundaram meu coração e minha alma. No final, a única coisa que mudou é que não tenho mais tanto medo da rejeição que não possa falar minha verdade”.

Além de mostrarmos que o processo de “saída do armário” acontece em todas as culturas do mundo, é importante para nós reconhecermos que não só a fé cristã pode ajudar na autoaceitação. Na solidariedade inter-religiosa, Imam Muhsin Hendricks da África do Sul descreveu suas experiências no Islã, e Max Feldhake, como um rabino gay dos EUA que vive na Alemanha, descreveu suas experiências no judaísmo. Somos particularmente gratos por seus depoimentos. E confirmamos que, como com todos os outros, a publicação de suas histórias pessoais é encorajadora e fortalecedora para os outros.

As histórias de fé reunidas aqui podem ser úteis não apenas para as pessoas LGBTQI+. Elas também mostram formas que podem fortalecer outros membros de minorias, e pessoas em geral em seu processo de autodescoberta e busca de autoestima. Pois em última análise, todas as pessoas conhecem situações de minorias nas quais elas mesmas precisam de uma saída, uma confissão de que “a este respeito sou diferente”. A Bíblia oferece apoio para estas questões, pois descreve modos de vida completamente diferentes em diferentes épocas, contextos e culturas. Ela se concentra em torno de pessoas oprimidas e marginalizadas e é, como escreve Ivon, “antifundamentalista em si mesma” através de “sua estrutura profundamente dialógica”. Como em outros contextos de fé, a vida cotidiana e a Bíblia se interpretam mutuamente e se tornam frutíferas para diversas minorias e identidades sexuais.

Certamente, existem também escritos bíblicos nos quais algumas pessoas com suas identidades e sexualidades de gênero são consideradas mais valiosas do que outras. Mas, a diversidade nos textos bíblicos nunca desapareceu. Em todas as edições decisivas, as vidas e esperanças de marginalizados e desfavorecidos brilham e mantêm todas as pessoas em busca de liberdade, dignidade e respeito. O poder da esperança e a variedade de imagens de Deus sugerem que Deus representa a diversidade. Deus não pode ser identificado com identidades de gênero heteronormativas.

Agradecemos a todas as pessoas que ousaram contar suas histórias pessoais nesta publicação. Elas contribuem para visões de esperança e reconciliação para além das normas heteronormativas e fundamentalistas e, por isso, criam espaços seguros para todas as pessoas.

Felicia de Gana



“EU NUNCA ENCONTREI PAZ NA CASA DE MINHA AVÓ”

Há uma grande luta quando se trata de minha sexualidade, minha fé e meu relacionamento com Deus. Meu/minha professor/a de Escola Dominical sempre me fez acreditar que a homossexualidade é o maior pecado da terra e vem com a maior punição entre outras condenações. Isso colocou muito medo em mim enquanto eu crescia, criando o que chamei alguns anos atrás de “conflito interpessoal”.

À medida que cresci e percebi que tinha sentimentos e atração por mulheres, o medo de receber o maior castigo me colocou em um canto apertado. Sempre me senti culpada, sentada em silêncio, e quando essas palavras do/a meu/minha professor/a da Escola Dominical me atingiram, fiquei emocionalmente instável.

Logo fui confirmada e entrei para os principais cultos da igreja. No entanto, nunca pude participar de nenhuma atividade da igreja ou mesmo tomar a Santa Ceia, porque aqueles ensinamentos da Escola Dominical ainda me assombravam. Enquanto isso, meus sentimentos e atração por mulheres continuavam crescendo.

Eu não tinha opção a não ser evitar ir aos cultos todos os domingos, indo para a praia ou para o Castelo da Costa do Cabo, que ficava perto da minha igreja. Então, enquanto meus pais pensavam que eu estava na igreja, eu estava na praia esperando pacientemente até o fim do culto da igreja, antes de voltar para casa com minha família. Isso durou por anos.

Mais tarde, eu me mudei para a casa da minha avó. Passei a frequentar a igreja dela, mas não foi diferente da minha igreja anterior: cheia de discursos de ódio e todo tipo de condenação.

Abandonei a igreja e encontrei muitas desculpas para dar à minha avó, que sempre procurava criar todos os membros de sua família de forma cristã, para que estivessem mais perto de Deus.

As coisas ficaram difíceis. Eu me via como uma pecadora e uma ovelha negra da família. Eu estava sempre me isolando, mantendo distância entre mim e os outros membros da família quando eles começaram a suspeitar da minha sexualidade.

Minha avó sempre me levava para as orações e pedia para que eu me sentasse na frente do pastor – para que ele me viesse e expulsasse o mal que habitava em mim. Recebi todo tipo de libertação e aconselhamento, mas os sentimentos nunca mudaram.

A única oração que costumava fazer era para que Deus me mudasse e me salvasse de receber Seu grande castigo.

Nunca encontrei paz em casa, pois minha avó me insultava sempre que colocava os olhos em mim; recebi todo tipo de humilhação. Todos os que moram na minha região ouviram falar da minha sexualidade, pois minha avó gritava comigo todas as manhãs com uma voz cada vez mais alta. Ninguém na família queria se associar a mim.

Meu relacionamento com Deus era muito ruim: nenhuma igreja, nenhuma oração e nenhuma pessoa conseguia fortalecer meu relacionamento com Deus.

Isto é, até eu me juntar a algumas organizações e grupos LGBT. Isso me fortaleceu um pouco e, gradualmente, espero fortalecer minha fé e meu relacionamento com Deus, embora ainda não tenha me filiado a nenhuma igreja por causa da possibilidade de que eles coloquem o mesmo medo em mim. Tenho planos de orar sem cessar, ler minha Bíblia com mais frequência e seguir os seus ensinamentos.

Uchenna da Nigéria



**“EU NUNCA
PENSEI QUE MINHA
SEXUALIDADE
FOSSE ANORMAL OU
ANTINATURAL”**

Fui criado em um lar cristão Católico Romano rigoroso. Eu era bem versado no conhecimento do catecismo. Isso me fez candidato à Primeira Comunhão aos nove anos de idade e candidato à Confirmação de Fé aos 11 anos. Em todos esses anos de compromisso com a igreja, sempre soube que me sentia atraído por meninos. Fui ousado e expressei meus sentimentos, mas isso não veio sem um preço. Embora minha personalidade tenha sido acolhida por minha família e comunidade religiosa por causa do meu alto desempenho acadêmico, enfrentei *bullying* de meus colegas mais próximos.

Por causa do meu amor por Deus, pelo culto litúrgico e serviço episcopal, sempre senti uma conexão divina. Impulsionado por essas pulsões, juntei-me aos “Cavaleiros do Altar” para servir nas celebrações litúrgicas e eucarísticas. Meu desejo de ter uma melhor compreensão das escrituras me levou a ingressar no “Grupo Carismático Católico”. Sempre fui e ainda estou trabalhando para me tornar um ministro cristão.

Nunca pensei que minha sexualidade fosse anormal ou antinatural, não até meus anos de jovem adulto, quando ouvi um sermão sobre Sodoma e Gomorra. O pregador disse, enfaticamente, como os homossexuais apoderariam no inferno. O termo homossexual era novo para mim. Eu me senti confuso na época e emocionalmente angustiado.

A busca pela verdade e reconciliação da minha realidade e fé me levou a abandonar a Igreja Episcopal e ingressar na Igreja Pentecostal. Eu precisava desesperadamente de uma garantia tangível do amor de Deus e da validação da minha sexualidade, mas a condenação era tudo o que consegui. Mesmo com pouco tempo passado em instituições superiores, tentei me envolver em relacionamentos com o sexo oposto – na esperança de reverter minha sexualidade e me adequar à visão tradicional sobre ética sexual. Mas, ainda assim, minhas inclinações homossexuais eram fortes. Em algum momento, eu tive que me assumir para minha namorada na época. Por sorte, ela foi comprensiva.

Minha busca por validação e senso de conexão espiritual me levou a ingressar em um ministério de música *gospel* cristã no mesmo ano em que a Lei de Proibição de Casamento entre Pessoas do Mesmo Sexo foi assinada na Nigéria. Esse acontecimento alimentou uma campanha antiLGBTI agressiva entre as comunidades religiosas, na qual o grupo ao qual me juntei estava ativamente envolvido. Por causa da minha paixão por músicas *gospel*, eu não poderia deixar esse grupo. Eu suportei todos os anos de orações contra o “espírito de homossexualidade” feitas por este grupo.

Mas, pelo fato de entender minha orientação sexual como natural, e com todos os esforços que fiz ao contrário, não consegui reverter minha sexualidade. Portanto, procurei uma organização que trabalha para promover os direitos humanos das pessoas LGBTI na Nigéria. Agora sou voluntário como educador de pares, tendo iniciado minha jornada de autoaceitação por meio de vários treinamentos e seminários.

Durante minha jornada de reconciliação, descobri que o amor e a misericórdia de Deus são sempre suficientes em minha vida. A graça de Deus em minha vida nunca diminuiu devido à minha sexualidade. Embora a igreja seja lenta em aceitar essa realidade, acredito que com mais diálogo haverá, eventualmente, inclusão e afirmação.

Ecclesia da África do Sul



“HOJE, EU ESTOU CASADA E FELIZ”

Minha jornada de serviço a Deus e reconciliação da minha orientação sexual e identidade de gênero com minha espiritualidade tem sido complexa, cheia de aprendizado, frustração e, finalmente, de esperança e amor.

Minha fé sempre foi importante para mim. Nasci em Joanesburgo, num lar cristão carismático. Quando cheguei à conclusão de que era lésbica, percebi que essa descoberta não seria aceitável para minha família ou para a igreja e então a escondi. Tentei me encaixar em relacionamentos heterossexuais.

Mas, não demorou muito para que outras pessoas descobrissem minha orientação sexual. Foi-me dito, em termos inequívocos, que eu não poderia ser cristã e lésbica. A posição da igreja sobre a homossexualidade enviou uma mensagem clara de rejeição para mim, o que me obrigou a deixar a igreja. A dor e a perda foram imensas.

Vários anos depois, tive um encontro com Deus e voltei para a igreja. Eu sabia que Deus me amava e me aceitava, e renovei meu compromisso. Na época, a única maneira de me incluir na comunidade era viver uma vida de segredo ou de celibato. Para parar com o medo e com a dor de ser rejeitada, tentei me conformar participando de grupos de apoio e buscando aconselhamento. Eu também fiz parte de um ministério de “ex-gays” (para recuperar gays) por vários anos. No entanto, nenhum desses esforços mudou minha orientação sexual. Para obedecer aos ensinamentos da igreja, vivi em negação de quem eu sou. Creio que fui chamada para o Ministério Ordenado de Deus.

Durante este período de negação, “topei” com a Igreja Metodista. Aqui as mulheres podiam ser ordenadas, e eu vi meu caminho aberto para cumprir meu chamado para Deus. Foi durante esses anos e especificamente no Seminário, com muita pesquisa, que descobri e abracei uma leitura e interpretação mais inclusiva das escrituras. Mais uma vez percebi que “nada” poderia me separar do amor e da aceitação de Deus. Cheguei à conclusão de que meu pecado não era a homossexualidade, mas rejeitar quem Deus me criou para ser.

Pela graça de Deus eu conheci alguém. Incapaz de suportar o silêncio destruidor da alma, anunciei minha intenção de casamento à congregação. Fiquei impressionada com seu apoio e bons desejos. Percebi que é melhor ser rejeitada por ser quem sou, do que ser aceita por ser quem não sou. Meu desejo de casar com uma pessoa do mesmo sexo levou finalmente à descontinuação do meu ministério na Igreja Metodista (MCSA). Resolvi levar o caso à Justiça. Isso colocou um enorme estresse em meu relacionamento e então tomamos a dolorosa decisão de terminar nosso casamento. Os tribunais, no entanto, decidiram que o assunto seria remetido à igreja.

Pude compartilhar minha jornada com minha família, o que trouxe uma nova perspectiva e cura para nosso relacionamento. E a MCSA mudou sua política, em outubro de 2020, para incluir totalmente casais do mesmo sexo. Hoje, sou casada e feliz, e lidero uma organização chamada Inclusive and Affirming Ministries (Ministérios Inclusivos e Afirmativos), que é uma ONG baseada na fé, com sede na Cidade do Cabo, África do Sul, fundada em 1995.

Kasha Jacqueline
Nabagesera
de Uganda



“EU CONTINUO FAZENDO MINHA PARTE NA LUTA POR DIREITOS IGUAIS PARA TODAS AS PESSOAS”

Meu nome é Kasha Jacqueline Nabagesera, nasci em Kampala, Uganda, em 12 de abril de 1980. Sou a primeira filha de uma família de dois. Sou uma lésbica orgulhosa e uma pessoa religiosa, nascida na fé protestante. Eu vivi abertamente como uma mulher lésbica toda a minha vida em um país que considera a homossexualidade ilegal e tem uma pena máxima de prisão perpétua para quem for pego em flagrante.

Comecei meu ativismo ainda jovem durante meus dias de universidade, depois de me cansar de ser expulsa de muitas escolas. Eu estava prestes a ser expulsa no meu último ano na universidade por causa da minha abertura [em relação à minha sexualidade].

Ter sido aberta sobre minha sexualidade me levou a muitas situações que não me esqueço, incluindo ser assediada física, verbal e religiosamente. Parei de ir à igreja em algum momento da minha vida por causa do ódio que estava sendo pregado nas igrejas. Havia tanto ódio espalhado pelo país por líderes religiosos de todas as denominações que me fizeram detestar qualquer coisa relacionada à religião.

Então, tive que reconciliar minha fé e sexualidade, porque percebi que esse era um obstáculo muito grande no meu ativismo. Fugir dos oponentes nunca foi uma estratégia sábia. Percebi que precisava me envolver com líderes religiosos para que eles nos entendessem e parassem de interpretar mal a doutrina. Uganda é um país muito religioso e muitas pessoas seguem tudo o que os líderes religiosos dizem, e eu vi isso como um grande obstáculo para alcançar a liberdade e a igualdade pelas quais eu estava lutando.

Ao longo dos anos, comecei lentamente a voltar à igreja. Embora não tanto quanto eu gostaria, é um bom ponto de partida para encontrar o caminho de volta ao exercício da minha fé. Também vimos alguns líderes religiosos que se manifestaram abertamente para condenar a discriminação contra a comunidade LGBT*. Eles, também, enfrentaram grande dificuldade para se posicionarem, assim como qualquer outra pessoa que ousa falar em apoio à comunidade LGBT*.

Ressalto que agora temos aberto nossos locais de culto amigáveis [inclusivos] aos LGBT*, onde os membros da comunidade procuram aconselhamento para reconciliar sua fé e sexualidade. Também iniciamos conversas com alguns líderes religiosos proeminentes, embora sejam conversas lentas e clandestinas, o que realmente não ajuda nossa causa.

Ter líderes religiosos proeminentes como o ex-Rev. Arcebispo Desmond Tutu, da África do Sul, falando em nosso favor dá grande destaque a uma causa justa. Então, se pudermos ter muitos como ele no continente, isso realmente ajudaria. Continuo a fazer a minha parte para lutar pela igualdade de direitos para todos e pela plena inclusão nas comunidades religiosas e sociais. E é bom saber que não estou sozinha.

Rev. Dr.
Ana Ester
Pádua Freire
do Brasil



“NADA DO QUE VIVEMOS TEM SENTIDO SENÃO TOCARMOS OS CORAÇÕES E OS CORPOS DAS PESSOAS” – DEUS POESIA

Esse é um texto-confissão. Confesso aqui meu amor por Deus, por sua revelação em Jesus Cristo e por sua revelação na vida. Escrevo como uma clériga lésbica, que reconciliou a fé com a sexualidade, com o corpo e com os desejos. Escrevo como uma teóloga *queer*, que experimentou na academia o poder solidário da comunidade.

Antes de decidir estudar teologia, passei um longo período longe de qualquer ideia de Deus. Deus doía. Foi, então, que após um doloroso término de relacionamento afetivo que eu decidi voltar para a igreja. Mas, para qual igreja? Eu havia sido expulsa da que congregava porque a minha sexualidade me transbordava. Durante o tempo em que congregava em uma comunidade neopentecostal, viver a mentira

de ser uma ex-lésbica me tirou a sanidade. Literalmente. Minha lesbianidade saía pelos poros, como deixar do lado de fora da igreja a integralidade do meu corpo? Como aceitar entrar no templo castrada? Eu não merecia isso. Não mais. A ideia de igreja, de comunidade e de Deus me trazia muito receio. Mas, algo em mim tinha saudade de Deus. Saudade de Deus.

Sim, eu tinha saudade de Deus e, preciso confessar, eu tinha saudade da Bíblia. O período que fui discípula criou em mim uma relação profunda entre a Bíblia e Deus, afinal a Bíblia era a única que continha a revelação de Deus – ah, ledo engano. Mas, como eu podia abrir aquele livro que me condenava? Aquele livro que tinha me afastado de minha comunidade de fé, da pastora que eu tanto amava, dos meus sonhos ministeriais. Como eu poderia passar tempo lendo condenação, morte eterna, juízo final, quando a única coisa que eu queria era um encontro de afeto e aceitação?

Nesse período no qual, para manter a minha sanidade, eu não lia o texto bíblico, acabei descobrindo outros textos sagrados. Textos que se tornavam sagrados em mim. Textos que me revelavam Deus. Rubem Alves, em toda sua sabedoria afirmou, “faz tempo que para pensar sobre Deus, não leio os teólogos, leio os poetas”. E a poesia me salvou! Toda vez que eu lia alguma poesia era como se eu estivesse me encontrando com o evangelho de Jesus – narrativas de um amor desmedido. A saudade faz essas coisas, permite que a ausência se torne presença em meio às mais simples coisas – um vento que beija o rosto, uma flor que não tem medo de se abrir, uma poesia que adormece a ansiedade. Por muito tempo, ao abrir a boca para dizer Deus, eu dizia “saudade”, mas também aprendi a dizer “poesia”.

A poeta brasileira Cora Coralina afirmou: “Não sei se a vida é curta ou longa demais pra nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido se não tocarmos o coração das pessoas”. E eu ouso acrescentar, nada do que vivemos tem sentido se não tocarmos os corações e os corpos das pessoas! Na reconciliação entre a fé e o afeto, só o toque do reconhecimento do corpo do outro pode revelar a divina presença de Deus.

DO BRASIL

17

Noah Brown do Canadá



“EUTIVE CONVERSAS REVELADORAS COM OS FREQUENTADORES DA IGREJA” – A ARTE DA TAPEÇARIA COMO PONTE DE RECONCILIAÇÃO

No verão de 2017, comecei a produzir um grande trabalho, desconstruindo minhas experiências como pessoa Negra *queer* durante minha adolescência. Minha estranheza percebida era nova, e o fardo do trauma intergeracional se apresentava constantemente no meu dia a dia.

No início daquele ano, eu estava no ônibus quando dois garotos Negros gritaram comentários homofóbicos contra mim e riram enquanto reparavam todos os meus traços. O aspecto mais problemático da experiência foi que eles se pareciam comigo. Eu não conseguia entender a ideia de que compartilhávamos a mesma formação histórica, mas eles estavam projetando esses insultos dolorosos para humilhar publicamente um humano que nunca haviam conhecido antes. Na época, eu ainda não tinha chegado a um acordo com minha sexualidade e, em retrospecto, agora percebo que eles viram algo em mim que eu não sabia sobre mim.

Eu reprimi muita raiva dessa experiência, então escolhi concentrar esses pensamentos na minha arte. Esta coleção consistia em uma série de tapeçarias, esculturas de porcelana, produtos de design industrial e fotografia. Uma recriação de tapeçaria de 1,2 x 4,8 metros do modelo *Brookes Slave Ship* foi meu maior obstáculo para completar minha coleção. Eu planejava secar toda a tapeçaria na minha escola, mas o prédio estava fechado para reparos.

Busquei um grande espaço criativo. Minha mãe encontrou a *Roncesvalles United Church*, em Toronto. A Rev. Anne Hines me ouviu e me recebeu em sua comunidade de braços abertos. Ela me levou ao porão da igreja. A sala tinha pé direito alto, teatro infantil e marcas no chão que pareciam resquícios de um ginásio antigo. Era o espaço perfeito para o estúdio.

Ao longo da minha estadia, tive conversas reveladoras as pessoas que frequentavam a igreja. Percebi que a igreja tinha vários programas, como centros de cura, um centro de distribuição de medicamentos e uma cozinha para sopa – todos impactando meu bairro e além. O espaço parecia seguro e comecei a desenvolver um relacionamento especial com a comunidade da igreja. Um dia a Rev. Hines veio me visitar no porão da igreja e perguntou se eu estaria interessade* em falar no próximo culto. Fiquei entusiasmado com a ideia de compartilhar meu processo e falar sobre minha jornada.

Quando chegou o dia, o culto começou com os membros da comunidade carregando minha tapeçaria pelo corredor para ser apresentada aos/as fiéis sentados/as. Rev. Hines fez uma compassiva introdução sobre meu trabalho dizendo o motivo de minha arte ser importante para a igreja. Falei, então, para um público atento, predominantemente branco. Eles mostraram curiosidade e fizeram perguntas sobre minhas experiências como uma pessoa Negra *queer***. As pessoas mostraram compreensão, humildade e vontade de questionar suas próprias ações passadas.

O momento mais memorável dessa experiência foram minhas discussões após o culto com membros *queer* mais velhos da plateia. Falamos de suas experiências de reconciliação com sua identidade e de suas tribulações enquanto cresciam em ambientes homofóbicos. Essas discussões me ajudaram a entender minhas próprias experiências traumáticas e como as experiências se repetem constantemente.

* N.T. Por Noah Brown se identificar com os pronomes they/them, optamos por usar linguagem inclusiva.

** N.T. A partir de agora, manteremos a palavra *queer* se esta foi usada no original em inglês, porque nessa língua o *queer* é também uma identidade de gênero.

Fabio Meneses da Colômbia



“A IGREJA NÃO CONSEGUIU ME CURAR POR SER GAY”

Nasci em Bogotá em 1980. Atualmente, trabalho em uma biblioteca pública como promotor de leitura. Minha infância e adolescência se passaram junto com minha família em uma conhecida igreja pentecostal colombiana e, depois, frequentei outras igrejas neopentecostais. Desde que pude pensar por mim mesmo, gostei de homens. Pelo fato de que naquelas igrejas me ensinaram que a homossexualidade era um pecado terrível, por muitos anos reprimi essa atração e, também, tentei mudá-la. Obviamente, não consegui.

Para conseguir essa mudança, segui cada ensinamento que prometia me curar da homossexualidade. Entre esses ensinamentos estavam disciplinas espirituais tradicionais, como jejum, oração e memorização de versículos da Bíblia, juntamente com várias terapias pseudocientíficas.

Além disso, fiz parte de um grupo de apoio cristão (baseado na metodologia de um ministério para “ex-gays” dos Estados Unidos) na qual nos ensinaram que devemos aprender a conviver com a atração pelo mesmo sexo como se fosse uma

espécie de doença. Disseram-nos que nunca deixaríamos de sentir atração por homens, mas que devemos aprender a controlá-la. Em uma ocasião, tive um encontro sexual com outro participante do grupo e por causa dessa situação, fui afastado do meu cargo. Eles exigiram que eu fizesse um pedido público de desculpas na frente dos outros líderes. Essa experiência de vergonha pública foi o que me levou a deixar o grupo.

A ausência de resultados, apesar do meu esforço ao longo de todos esses anos, produziu em mim um grande sentimento de culpa, tristeza e amargura, incluindo pensamentos suicidas. Eu poderia ter acabado como o personagem principal do filme “Orações para Bobby”, mas, graças à intervenção divina, encontrei outra saída para a tempestade em que vivia. Em outubro de 2013, no trabalho, aos 33 anos, decidi aceitar o inegável e me reconheci gay. Em agosto de 2014, “saí do armário” publicamente em um texto compartilhado no Facebook com minha família, amigos e outras pessoas que me conheciam, e contei aos meus pais. Meus pais não receberam bem a minha “saída do armário”. Eles sabiam das minhas tentativas de mudar e viram minha saída como uma rendição. Até hoje eles continuam não aceitando minha orientação sexual.

Depois de sair, decidi não voltar à igreja. Eu não queria estar em uma instituição que condenava o que eu era, mas, depois de dois anos, senti a necessidade de me reunir com outras pessoas. Procurei uma igreja inclusiva. No começo não encontrei, mas descobri um grupo inter-religioso para pessoas LGBTI que comecei a frequentar. Lá, conheci meu parceiro e ele me convidou para a Igreja Metodista Colombiana em Bogotá que estava em processo de inclusão de crentes sexualmente diversos. Mais tarde, meu parceiro, Jhon Botía Miranda, foi nomeado pastor da igreja. Ele continua nessa posição e agora sou diácono.

Hoje posso dizer, sem qualquer dúvida ou medo, que sou completamente feliz como gay e cristão. Deus não condena seus filhos e suas filhas LGBTI e, além disso, acredito que aquelas pessoas que decidem se aceitar como cristãos em suas diversas identidades sexuais e de gênero experimentarão a mesma liberdade e alegria que Deus me deu para desfrutar.

DA COLÔMBIA

All-in Saltillo do México



HISTÓRIA EM NOME DA COMUNIDADE ALL-IN SALTILLO

Ite Inflammate Omnia é o slogan da *All-in Saltillo*, uma comunidade de jovens católicos LGBT+ do norte do México. Significa “vá e traga luz a todos e a tudo”. Adotamos esta frase jesuíta não como um grito de guerra para impor, mas como uma canção de amor de Deus à unidade.

Descobrimos que os jovens são mais propensos a serem convencidos por pensamentos como: “Deus não gosta de homossexuais” e outros semelhantes. Iluminados pelo infinito amor e bondade de Deus, vimos a oportunidade de criar uma comunidade que refuta esse tipo de ideia.

Gradualmente, o grupo começou a crescer sob os pilares de fé, comunidade, formação e serviço com pessoas que representam diversas letras da comunidade LGBT+, embora seja importante ressaltar que em nosso grupo a identidade pessoal de cada membro não é o mais importante; a principal identidade que reconhecemos

22

ALL-IN SALTILLO

é a de humanos amados por Deus, então todos os interessados em entrar no grupo serão bem-vindos. Desta forma, abrimos uma porta que foi fechada pela exclusão e ignorância.

A verdade é que, finalmente, entendemos que o Amor de Deus não tem fim, nele nos unimos primeiro como comunidade, depois nos juntamos à *Red Católica Arcoíris (Catholic Rainbow Network)* México, da qual somos o mais novo membro. Participamos de missas, conferências e exercícios nos quais vivemos o amor de Deus.

Em nossos encontros, temos um momento de oração em que agradecemos ao Senhor pelas bênçãos que recebemos e por nos permitir demonstrar que nossa sexualidade não está em conflito com nossa religião. Também temos um momento que chamamos de “compartilhar a vida” em que falamos sobre nossos problemas e sentimentos. É realmente incrível admirar a presença de Deus nesses momentos, compartilhando risos e lágrimas e nos dando retorno.

E assim, *All-in* se tornou uma família, e a luta não terminou. Continuaremos tentando fazer com que as pessoas que se separaram da Igreja por comentários equivocados vejam que Deus nos ama a todos, sejam brancos ou negros, altos ou pequenos, gordos ou magros, heterossexuais ou homossexuais, e tentamos reviver o que o Evangelho de São João nos diz: “Assim como o Pai me ama, eu também amo vocês. Permaneçam no meu amor. Se vocês guardarem meus mandamentos, permanecerão em meu amor, assim como eu guardei os mandamentos de meu Pai e permaneço em seu amor. Eu lhes disse isso para que minha alegria esteja em vocês e a alegria de vocês seja completa. Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amo” (João 15, 9-12). O mundo não precisa de mais violência, ódio, exclusão e divisão. Precisa de amor. Se pudermos contribuir para reavivar a fé no amor de Deus, devemos fazê-lo e devemos compartilhar a luz sobre todas as pessoas com o Amor de Deus.

DO MÉXICO

23

June Barrett dos Estados Unidos



CRISTÃO, QUEER E IMIGRANTE

Sou uma imigrante jamaicana* queer de 57 anos e ativista dos direitos trabalhistas que vive nos Estados Unidos.

Minha mãe morreu logo depois que eu nasci. Minha tia que me criou não ia à igreja, mas ela se certificou de que eu fosse. Quando pequena, me apaixonei pela minha igreja Batista. Foi lá que ouvi pela primeira vez a palavra amor, uma palavra que nunca ouvi em minha casa. A igreja se tornou minha rocha; os hinos me deram paz quando eu estava com medo.

Quando adolescente, eu sabia que me sentia atraíde pelo mesmo sexo, mas me mantive em silêncio. Eu estava com medo de ter que me afastar da igreja e me tornar uma pária.

Eu não tinha a quem recorrer porque a homossexualidade é um tabu na Jamaica. Às vezes eu ouvia mulheres da minha aldeia fofocando sobre quem era um sodomita ou um maluco e que todos iriam para o inferno.

Aos vinte e poucos anos, procurei aconselhamento de uma das presbíteras da minha igreja. Conteи a ela sobre minha identidade sexual e ela me disse que eu deveria buscar o arrependimento dos meus pecados. Eu recebi oração na minha igreja, deitade no chão enquanto eles tentavam expulsar os demônios homossexuais de mim. Eu estava magoada, confuse e um sentimento de isolamento se instalou em mim.

* N.T. Por June Barrett se identificar com os pronomes they/them, optamos por usar linguagem inclusiva.

Continuei a frequentar a igreja todos os domingos e estava envolvida no grupo de mulheres e no estudo bíblico. Formei um vínculo com uma de minhas irmãs da igreja. Eu estava apaixonada por ela. Quando finalmente contei a ela, ela me disse que meu sentimento por ela era anormal. Ela não deixou de ser minha amiga, mas ela constantemente me lembrava que eu iria para o inferno. Finalmente, parei de ir à igreja porque havia rumores de que minha amiga e eu éramos amantes.

Em outubro de 1994, um vislumbre de esperança surgiu quando a Dra. Bärbel Wartenberg-Potter me convidou para participar da conferência internacional de lésbicas em Bad Boll, Alemanha. Foi lá que conheci outras cristãs lésbicas. Eu nem sabia que você podia ser queer e pastora ao mesmo tempo! Minha vida mudou para sempre. Também fomos a Gelnhausen, onde compartilhamos nossas experiências, construímos alianças e criamos estratégias para apoiar umas às outras quando voltássemos aos nossos países. Voltei para a Jamaica sentindo-me empoderada e as cartas que recebi de muitas das mulheres que conheci em Boll me mantiveram em sanidade e conectada por muitos anos.

Em 1998, foi fundado o Fórum da Jamaica para Lésbicas, Todas-Sexualidades e Gays (*J-FLAG*). Acolhemos o *J-FLAG* porque não tínhamos rede de segurança, mas agora tínhamos uma organização que ajudaria a proteger nossos direitos humanos.

Em 2001, eu me assumi para uma amiga que prometeu não compartilhar meu segredo com ninguém, mas ela me denunciou no meu local de trabalho! Tive que sair da Jamaica e, em 21 de dezembro de 2001, cheguei aos Estados Unidos. Viver aqui tem muitos desafios – homofobia, transfobia e racismo são excessivos – mas, me sinto mais segura do que na Jamaica. Sou membre de uma igreja Batista que acolhe a todas as pessoas.

Como sindicalista, sempre carrego comigo minha identidade imigrante, queer e cristã, porque não consigo me separar de nenhuma delas. Costumo dizer a jovens cristãos queer que não há problema em ser ambos, e para que não aceitem a falsa narrativa sobre um Deus que não pode aceitar uma pessoa queer ou que você está possuído pelo diabo.

DOS ESTADOS UNIDOS

25

Eros Shaw da China continental

**“QUANDO
CHEGARÁ O
MOMENTO
EM QUE
A IGREJA
ACOLHERÁ
GENUINAMENTE
TODOS ESSES
JOVENS?”**

No ensino médio, aos 13 anos, me apaixonei por outro homem pela primeira vez. Mais tarde, em 2009, mudei-me para trabalhar em Pequim e participei de uma sessão de partilha organizada pelo Rev. Ngeo Boon Lin. Ele é um ministro ordenado pela Igreja da Comunidade Metropolitana (MCC) nos EUA, com grande influência entre os cristãos gays chineses. Após a sessão, cristãos gays de várias denominações se reuniram em um bar. Eu era o único católico naquele dia.

26

EROS SHAW



Decidimos nomear nosso grupo como *China Rainbow Witness Fellowship* (CRWF), pois o arco-íris era o sinal da aliança de Deus com a humanidade, e o arco-íris também é um sinal de orgulho gay. O que compartilhamos tratava desde Bíblia, teologia, ecumenismo e história da Igreja até desenvolvimento psicológico e prevenção da AIDS. Em julho de 2013, o irmão Xiao Bei, um seminarista, estabeleceu um grupo de bate-papo QQ* para reunir católicos gays, a *China Catholic Rainbow Community* (CCRC).

Durante esse tempo, convidei minha melhor amiga para uma festa de Natal da fraternidade. Quando as pessoas mencionaram a palavra “gay”, ela gritou: “Você não pode ser gay”. Isso me machucou profundamente. Nós não conversamos sobre esse assunto por um longo tempo, mas ela ocasionalmente encontrava artigos para me mostrar, esperando que eu pudesse mudar minha orientação sexual. Mas, à medida que ela se aprofundava na fraternidade, ela passou a aceitar os cristãos gays, incluindo meu namorado, e até viu nosso relacionamento como invejável. Talvez ela seja a pessoa mais significativa na minha história de “saída do armário”. Ela é uma pessoa heterossexual e não conseguia nos entender até que ela entrou em contato pessoalmente com esse grupo.

Certo ano, fotos de uma celebração de Natal da fraternidade em Xangai foram amplamente divulgadas por um grupo crítico da Igreja. Eles nos atacaram de maneira extrema. Na esperança de parar a disputa, deixamos a paróquia. Assim, a primeira recepção em larga escala de cristãos gays pela Igreja Católica na China chegou ao fim depois de apenas quatro meses.

A existência continuada da CCRC tem sido um consolo. Também temos uma aula de catecúmenos e um grupo de oração do Terço. Isso permite que católicos gays que estão confusos compartilhem suas experiências. Há alguns padres, seminaristas e religiosas que não têm medo da pressão e permanecem voluntariamente nesta comunidade.

Representei o CRWF e o CCRC na conferência de fundação da Rede Global de Católicos Arco-Íris (GNRC) em Roma 2015. Fui eleito membro do comitê direutivo para assuntos da juventude. Temos um diálogo com funcionários do Vaticano e, também, compartilhamos as mensagens dos católicos gays chineses com o mundo inteiro. Estou comovido com a fé dos gays católicos que têm um grande amor por Nossa Senhora. Quando chegará o momento em que nossa Santa Mãe a Igreja acolherá genuinamente todos esses jovens? Sou grato por ter editado o livro *May Your Lips Kiss Mine — Chinese Tongzhi (LGBT+) Catholics Tales* (Que seus lábios me beijem – contos católicos chineses de Tongzhi (LGBT+)). Recebi muitos feedbacks positivos. Espero que um dia a Igreja aceite plenamente a homossexualidade: não pararemos nossa missão mesmo que haja repetidas frustrações.

* N.T. QQ é uma plataforma de mídia social de bate-papo ao vivo popular na China (cf. Joseph Yang).

Joseph Yang da China continental

**“MEU CHAMADO
PARA A MISSÃO DE
DEUS É APOIAR
CRISTÃOS GAYS
QUE SOFREM POR
CAUSA DE SUA
ORIENTAÇÃO
SEXUAL”**

Cresci em uma família cristã tradicional em Xiamen, província de Fujian, China, que seguia a tradição presbiteriana. Em 1998, fui batizado em uma igreja doméstica chamada *Xiamen Xunsiding Church*, onde costumava estudar a Bíblia com meu avô durante minha infância. Meus pais me dedicaram a Deus quando eu era bebê. Um dia eu, acidentalmente, caí dos braços do meu pai e desmaiei. Sem saber o que fazer, meus pais imploraram



a Deus e prometeram me dedicar ao Senhor se eu sobrevivesse. Meu pai manteve esse segredo de mim até minha mãe falecer, em 2002, em um acidente de trânsito.

Depois de me formar no ensino médio vocacional, trabalhei no Banco da China. No entanto, minha vida só poderia ser descrita como confortável, mas sem paixão. Recebi um sinal de Deus para um chamado ao ministério integral. Eu ainda estava no armário enquanto estudava teologia no *Theology Center for Asia* em Singapura (TCA). Fui muito encorajado pelo Rev. Ngeo Boon Lin, um pastor gay malasiano chinês que se assumiu no mesmo ano. Aos poucos, aprendi a acolher a mim mesmo e à minha sexualidade.

Estudei Teologia em Singapura e Hong Kong por sete anos; foi na *Divinity School of Chung Chi* que comecei minha pesquisa sobre os desafios enfrentados pela comunidade cristã gay na China continental. Depois que me formei, comecei como pastor não remunerado em tempo integral e servi a um grupo de minoria sexual na China continental por oito anos.

Em 2010, lancei o primeiro grupo de bate-papo ao vivo QQ (uma plataforma de mídia social de bate-papo ao vivo popular na China) na internet (agora conhecido como grupo de bate-papo público CTK). Até o final de 2011, mais de 400 pessoas haviam se juntado ao grupo. Senti o chamado para continuar e expandir meu ministério para cristãos chineses que sofriam por causa de sua orientação sexual.

2012 foi um marco para mim. Junto com alguns cristãos gays em Xiamen, ajudei a estabelecer a *Xiamen CTK Fellowship*, a primeira fraternidade liderada por um pastor gay na China. Era hora de ficar junto com outros cristãos gays para encorajar e afirmar uns aos outros. Também estive ativamente engajado em redes de oração online, conversas e diálogos através de fóruns online dedicados a cristãos LGBT na China continental.

Em 2019, orei a Deus para me preparar para um treinamento mais profundo para servir cristãos gays no continente após meu ano sabático. Estabeleci três objetivos para mim: primeiro, explorar o tema do ministério para cristãos LGBT a partir de uma perspectiva evangélica. Em segundo lugar, realizar um estudo aprofundado sobre implantação de igrejas e ministério de relacionamentos com o propósito de um ministério mais eficaz para cristãos LGBT na China. Por fim, explorar a teologia queer e ampliar meu horizonte espiritual para a futura educação teológica da China continental.

Aceitar minha sexualidade não tem sido fácil. Além do que eu posso imaginar, à luz da minha própria experiência, continuarei visualizando meu chamado para a missão de Deus de apoiar cristãos chineses gays que sofrem por causa de sua orientação sexual.

Shirley e Bell de Hong Kong



“A VERDADE VOS LIBERTARÁ”

“**S**e você não fosse uma mulher, eu não a teria amado;
Mas porque você é uma mulher, eu não posso te amar.”

Nós somos um casal bissexual feminino nascido e criado em Hong Kong, uma cidade chinesa semiocidentalizada e altamente patriarcal. Nossa história começou há 25 anos, em um dormitório feminino onde o sexo era um tabu, a orientação sexual era desconhecida e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo eram fortemente desaprovados. Dois meses depois de nosso primeiro namoro, sucumbi à pressão social e religiosa. Onze anos se passaram antes de nos encontrarmos novamente em um concerto realizado em comemoração ao nosso dormitório. Naquela pequena sala, vendo-a tocando piano no palco, de repente senti como se dois holofotes brilhassem um em cada uma de nós. Eu não podia mais mentir para mim mesma e escrevi as linhas acima para ela. Graças à minha honestidade tardia e seu espírito ousado, nosso amor truncado foi ressuscitado.

Logo descobrimos que a bissexualidade era rotulada como “promísqua” pela comunidade cristã LGBT – mais conservadora – na qual tentamos nos refugiar; então, nos abrigamos em uma identidade “mais segura” de um casal de lésbicas e desempenhamos os papéis esperados de *butch* [bofinho] e *femme* [fêmea, feminina],

que não era autêntico para nós e contradizia nosso anseio por uma relação de iguais. No fundo de tal interpretação de gênero está a insegurança, o medo e a dúvida. Mas esses traços só semeiam sementes de autoperpetuação e autorrealização que sufocam e estrangulam um relacionamento. Para casais LGBT que lidam com famílias e/ou a maioria das igrejas lançando maldições contra eles, bem como nenhum modelo ou corpo profissional para buscar conselhos, poderia ter sido uma batalha difícil e impossível. Felizmente, encontramos alguns conselheiros/as amigáveis e, depois de alguns anos, conseguimos desbloquear nosso eu autêntico.

A vida de um casal bissexual é duplamente desafiadora. Livrarnos dos papéis de gênero não foi suficiente para viver nosso verdadeiro eu. Embora tenhamos acolhido os relacionamentos dos outros, nos mantivemos contra um “padrão” diferente, mais “moralista”. Essa hipocrisia interna e a percepção “súbita” de nossa verdadeira orientação nos levaram a um ódio mais profundo por nós mesmas. Após um período de luta interna, reunimos coragem suficiente para nos abrirmos uma à outra e descobrir que estávamos lutando com o mesmo problema. Com essa reconciliação, saímos da depressão para um relacionamento mais forte e fundamentado.

É aqui que exploramos, experimentamos e vivenciamos nossas próprias sexualidades, identidades, expectativas e o poder transcendente do amor. Através dos 25 anos que nos conhecemos e dos 13 anos de relacionamento comprometido, lutamos com nossa fé, com o conceito de casamento, com nossas famílias conservadoras, porém amorosas, e com uma comunidade religiosa dominada por gays. Agora estamos casadas como um casal cristão bi/pansexual. A vida continua a ser desafiadora: é mais bem compreendida de trás para frente, mas é preciso vivê-la para a frente. Quando for necessário tomar decisões difíceis, escolha autenticidade, honestidade e verdade. Esta escolha permite-nos experimentar em primeira mão o ensinamento de Jesus: “a verdade vos libertará”.

Small Luk de Hong Kong

“VOCÊ
CUIDARÁ DOS
MEUS FILHOS
INTERSEXO!”



Sou Small Luk, uma pessoa intersexo nascida em Hong Kong, conhecida por ser a primeira nativa de Hong Kong a reconhecer publicamente meu status de intersexo. Quando nasci, como o que os médicos identificaram como um bebê de “sexo ambíguo”, fui determinada como homem com um distúrbio na genitália. Minha família decidiu meu sexo também porque eu era a primogênita da minha família e ser homem é muito importante para uma família chinesa.

Sofri com mais de vinte cirurgias reconstrutivas de genitália dos oito aos treze anos de idade. Foi uma experiência dolorosa na minha infância. Recusei outra cirurgia aos treze anos; posteriormente encontraram o útero e a vagina dentro do meu corpo, mas pouco desenvolvidos. No entanto, eu removi todas as minhas partes masculinas para evitar o risco de câncer por recomendação do médico, e essa foi outra cirurgia difícil. Agora estou vivendo como uma mulher intersexo.

Recebi Jesus enquanto estava no hospital. Depois da cirurgia genital eu me senti tão dolorida, triste e desamparada. Um pastor orou comigo ao lado da minha cama na enfermaria e me deu uma Bíblia. Eu lia o Novo Testamento à noite sempre que era acordada por uma dor intensa. Descobri que Jesus é um grande Senhor. Ele deu sua vida pela nossa salvação para que tenhamos a chance de ir para o céu. Orei a Jesus e ofereci minha vida a ele.

Terminei a cirurgia de remoção de todas as minhas partes masculinas em 2010, e ouvi a voz de Deus quando estava no Japão. Quando vi a flor de cerejeira desabrochando, a voz disse: “Aqui está uma flor que começa a desabrochar, preciso de alguém para começar meu trabalho”. Deus disse: “Cuide dos meus filhos”. Perguntei a Deus quem eram essas crianças e Deus respondeu: “Meus filhos intersexo”. No começo eu recusei o chamado de Deus, o pensamento de perder tudo se as pessoas soubessem que eu era intersexo me assustou! Em uma manhã de março de 2011, um ano depois de ouvir a voz de Deus, ouvi o chamado novamente e ouvi os bebês intersexo chorando em meu sonho. Fiquei triste porque a cirurgia reconstrutiva de genitália continua sendo praticada em crianças intersexo. Subi à montanha mais alta para confirmar o chamado de Deus. Eu disse a Deus: “Dê-me uma vista muito bonita do pôr do sol em um dia nublado como um sinal seu!” Por incrível que pareça, vi um pôr do sol muito bonito quando cheguei ao topo da montanha. Ajoelhei-me: “Sim, Deus, estou aqui, por favor, use-me para realizar seu trabalho!”

Houve progresso devido aos trabalhos de *advocacy* em Hong Kong e na Ásia para pessoas intersexo. Índia e Taiwan proibiram a cirurgia reconstrutiva de genitália para crianças intersexo menores de 12 anos. As sociedades e os governos estão mais conscientes das necessidades das pessoas intersexo. Ainda trabalho duro para conscientizar o público, promover os direitos de pessoas intersexo e defender o fim da cirurgia genital forçada. No entanto, alguns grupos cristãos conservadores ainda dizem que as pessoas intersexo são o resultado do pecado humano.

Ainda temos um longo caminho a percorrer para realizar a obra de Deus pela proteção e direitos das pessoas intersexo. Precisamos da sua oração e da sua bênção.

DE HONG KONG

Arisdo Gonzalez da Indonésia



“OLHE PARA SI MESMO EVEJA DEUS EM VOCÊ” – MINHA PEREGRINAÇÃO

Minha peregrinação é um processo pelo qual passei como ser humano. Começou na minha escola primária. Eu estava interessado no sorriso de um menino. Eu não sabia por que isso acontecia, eu só queria vê-lo toda vez que ia para a escola. Na minha escola secundária, eu sempre olhava para um menino. Mais tarde, ele se tornou meu melhor amigo. Nessa escola, recebi abusos verbais como: “viado, bicha”. Senti que o céu estava escuro. Quase não tinha amigos.

Durante meu último ano, decidi contar minha situação para a minha professora. Ela era muito religiosa. Eu disse a ela que gostava de homens. Ela sugeriu que eu fosse a uma grande igreja na minha cidade. Lá conheci o pastor e lhe disse que estava interessado em homens. Ele me deu alguns versículos bíblicos sobre relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. Ele me ungiu e tentou exorcizar os espíritos malignos em mim. Naquele dia me senti recuperado, mas no dia seguinte as coisas voltaram a ser como antes. Eu ainda estava interessado em homens.

Depois do ensino médio, decidi me matricular no Seminário Teológico de Jacarta (JTS). Lá comecei a aprender teologia e a construção do pensamento humano. Tudo começou quando conheci um palestrante do JTS. Muitos amigos o chamavam de profeta LGBTQI+.

No seminário, cada aluno era obrigado a participar das atividades do campus. Escolhi a Conferência Internacional LGBTQI+ em 2016. Estava com medo, mas queria saber mais sobre LGBTQI+, enquanto ainda me rejeitava como gay.

Na conferência, encontrei-me com um pastor gay e tivemos uma discussão. Ele me disse: “Olhe para si mesmo e veja Deus em você”.

Peguei emprestados todos os livros sobre sexualidade e pessoas queer na biblioteca JTS. Aprendi muitas coisas novas. Sempre entendi que Deus era masculino, mas estava aprendendo que Deus podia estar presente em cada experiência humana. Deus também é queer.

Depois de um ano, tivemos que fazer nosso trabalho de campo. Fui colocado em uma organização que trabalha com questões de HIV e AIDS. Descobri que a maioria dos que trabalhavam lá eram gays. Primeiro, me senti desconfortável, pois sabia que também fazia parte deles. Desde a minha entrevista, descobri que nossa luta com as religiões era semelhante. Conheci Paul que me ensinou mais sobre homossexualidade. Ele me ajudou a sentir um conforto que eu nunca tive antes. Eu o amava.

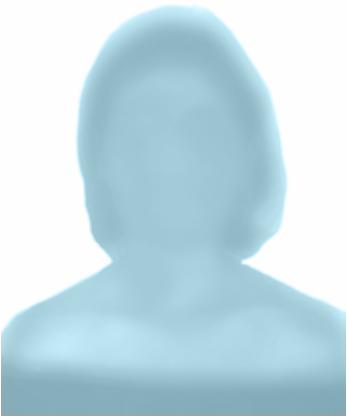
Quando eu me assumi para meus amigos, muitos ficaram chocados e acreditaram que eu estava enganado. Eu disse a eles que ainda era o mesmo Arisdo e que gostava de homens. Acredito que não há nada de errado com isso.

Minha “saída do armário” foi fácil? Não! Às vezes eu me sentia para baixo e pensava que o que eu estava fazendo era errado. Uma vez eu até tentei me matar.

Aprendi mais sobre minha identidade através das minhas aulas de Religião e Sexualidade e Teologia Queer. Comecei a aprender a pensar criticamente e me tornei mais confiante para mostrar que sou gay.

Hendrika Mayora da Indonésia

FORA DE LUGAR



Nasci Hendrik Victor em uma família católica muito devota em Papua. Durante minha juventude, passei a maior parte do meu tempo livre em atividades da igreja. Senti que queria ser como Jesus, sempre pronto a ajudar os pobres e os marginalizados. Quando criança, finalmente, aspirei a ser padre. Minha família apoiou totalmente meus desejos e eles concordaram em me enviar para o seminário.

Em 2012, fui ordenada freira em um alto seminário em Yogyakarta. Quando confessei que eu achava ser uma mulher ao meu superior, recebi um castigo. Eu tive que deixar o mosteiro e viver uma vida verdadeiramente celibatária nos votos de pobreza.

Muitas vezes eu gritava como um homem possuído, chamando o homem Hendrik para voltar à minha vida. Mas isso nunca aconteceu. Assim, comecei a vagar para longe.

Desde que deixei o mosteiro, tentei construir uma nova vida. Trabalhei como ativista na prevenção do HIV/AIDS em Merauke, Papua Ocidental. Pude trabalhar para servir as pessoas necessitadas. Tornei-me uma tutora para os jovens, bem como uma conselheira de saúde sobre como evitar o vírus HIV.

Essa foi a época em que pela primeira vez confessei a mim mesma: "Sim, Hendrik, você é uma mulher". Encontrei alegria e diversão estando junto com alguns de meus amigos quase todas as noites. Gradualmente, senti que a vertigem que experimentava quando lutava com minha verdadeira identidade havia desaparecido.

No final de 2017, decidi me mudar de Merauke e começar uma nova vida em outra cidade. Mas para onde eu iria? Fui para Yogyakarta e trabalhei em um orfanato.

Um dia, participei de um treinamento sobre prevenção de HIV/AIDS e conheci Mama Rully, a chefe do grupo Mulheres Trans de Yogyakarta que eu já tinha conhecido antes. Depois da reunião, pedi que ela me ajudasse, que eu ficasse com ela. Ela concordou. Sua casa era muito pequena, mas eu senti que havia encontrado um verdadeiro lar lá. Eu compartilhei muitas coisas com ela e fiz muitas perguntas sobre minha identidade de gênero. Pedi então a Mama Rully que me vestisse como ela. Mudei meu nome para Hendrika Victoria Mayora.

Inicialmente, experimentei o racismo das minhas próprias colegas por causa da minha pele escura. Isso partiu meu coração. No entanto, não desisti. Tentei obter reconhecimento as ajudando caso tivessem problemas em suas jornadas. Ganhei respeito e meu lugar na comunidade trans de Yogyakarta.

Com o conselho de uma pessoa amiga, fundei uma comunidade, a "Amanhecer de Sikka". Ela foi fundada para acomodar mulheres trans amigas. As integrantes são mulheres trans de toda a zona leste da ilha das Flores.

Recentemente, ganhei uma eleição para um assento no Conselho Regional do Povo da minha província de Flores. É a primeira vitória de uma pessoa transgênera na Indonésia.

Pauline de Singapura

“POR QUE DEUS NÃO ME MUDOU MESMO QUE EU ORASSE?” – RECONCILIAÇÃO A PARTIR DAS MARGENS



Eu sou uma das pastoras executivas da *Free Community Church*, a única congregação cristã progressista e afirmativa em Singapura. Eu cresci na Igreja Metodista.

“Você é cristã e lésbica?” Quando respondo a essa pergunta com um sim, alguns olham para mim com incredulidade, outros com admiração e descrença, e às vezes eu respondo com um brilho nos olhos: “E eu também sou pastora”.

Sou muitas coisas e, também, sou lésbica. Ser lésbica não foi algo que eu escolhi (quem escolheria intencionalmente um caminho tão difícil para si e suas famílias?), e percebi desde cedo que era mais do que apenas uma fase.

Uma coisa que eu escolhi é ser cristã. Deus e a espiritualidade sempre foram importantes para mim, e sou cristã desde os 13 anos. Por todas as contas, tive uma “história ilustre” como cristã evangélica. Depois de algumas dúvidas e fugindo de Deus na adolescência, tive um encontro com Deus que mudou minha vida aos 19 anos. A partir daquele momento, disse a mim mesma que queria levar minha vida espiritual a sério e me envolvi ativamente com um grupo cristão na universidade. Passei quatro anos como missionária no Japão e frequentei uma escola bíblica conservadora.

Durante todo esse tempo, permaneci lésbica e não conseguia entender por que Deus não me mudou, embora eu orasse, jejuasse e implorasse a Deus. Eu era muito próxima da minha família, especialmente da minha mãe, e geralmente conseguia conversar com eles sobre a maioria das coisas, exceto sobre minha orientação sexual. O coração deles ficaria partido se soubessem que era lésbica. Então eu lutei sozinha com minha fé e minha sexualidade. Ambos foram fatos inegáveis da minha vida, e a crença de que não havia como conciliar os dois quase me matou.

As coisas finalmente vieram à tona quando eu estava tentando superar o rompimento de um relacionamento. Estava doendo e não havia uma única alma em quem eu pudesse confiar. Eu não tinha me assumido para nenhum dos meus amigos naquela época. Eu só podia falar com Deus. Durante aquele período sombrio, a única coisa que me manteve em pé foi um profundo conhecimento em minha alma de que de alguma forma Deus me amava e Deus estava bem comigo, e eu estava bem com Deus. Cada vez que clamava a Deus, uma paz e uma segurança inexplicáveis inundavam meu coração e minha alma. Vivenciar essa paz me ajudou a dar o primeiro passo para me aceitar. Quando comecei meus estudos teológicos em tempo integral, fiquei surpresa com o quão pouco eu sabia sobre a Bíblia e teologia. Comecei a estudar as traduções reais e os contextos históricos dos versículos, e isso me deixou ainda mais convencida de que Deus me aceita e me ama exatamente como sou.

Quando finalmente tive coragem de me assumir para meus pais, foi muito difícil para eles e minha mãe chorou. Isso foi há quase 20 anos. Mesmo assim, sinto que meu relacionamento com minha família mudou para melhor quando me assumi.

Compartilho minha história porque sei que existem muitas outras pessoas como eu. Eu digo àquelas que estão lutando e se perguntando se Deus as aceita e as ama, que Deus está esperando que elas voltem para casa.

Summer Sea da Coreia do Sul



**“AGORA EU DECIDI
NÃO ABANDONAR
NADA QUE SEJA
MEU”**

Eu ainda estou em um caminho no qual minha identidade de gênero não é clara. No processo de formação de minha identidade, não é fácil desvendar os fios entre as várias partes de mim que me compõem. Não vejo outra maneira senão culpar minha família de origem e nossa comunidade de fé por suprimir a maneira mais natural de expressar tanto meu corpo quanto as emoções que vivi em toda a minha vida. Quero escrever aqui que não sou a mentira que vocês queriam; que suas palavras estavam erradas.

Nasci em 1999, em Seul, Coréia do Sul, em uma família cristã muito devota e conservadora. Vivi em uma casa onde meu pai se enojava com a palavra gay, e minha mãe me disse para não dizer nada “maligno” – referindo-se a parceiros do mesmo sexo. No meu relacionamento com minha mãe, que vivia uma fé rígida e ascética, minha sexualidade era uma questão importante.

Desde criança, as emoções e os desejos que eu sentia como ser humano eram controlados em nome de Deus. Por exemplo, meu amor por alguém, não só do mesmo sexo, mas também do sexo oposto, costumava ser descrito como um ser possuído por um “espírito adúltero”. Lembro-me da primeira vez que me apaixonei por alguém do mesmo sexo quando tinha 13 anos de idade. Desde então, amei mais quatro pessoas e não posso contar todas as vezes que senti atração e sensações eróticas.

Pensando nisso agora, acho que minha mãe sabia muito cedo que minha orientação sexual não era “normal”, mas eu tratava minhas experiências como separadas e menos autênticas e tentava ser heterosexual. Ela provavelmente estava tentando me proteger, mas ainda imagino voltar atrás e falar com minha mãe no passado. Eu diria algo como: “Eu não gostava de meu amigo simplesmente porque li um romance sobre homossexualidade e o imitava”, ou “Não era o espírito que entrava em mim que gostava deles, na verdade era eu”. Eu gostaria de poder falar com minha mãe sobre essas coisas confortavelmente. Talvez um dia.

Agora estou separado* de minha família. Estou vivendo uma vida que não está completamente isolada do passado outrora abandonado, rotulada vagamente como bisexual e *genderqueer*. Junto com as pessoas de quem gosto, pertenço a uma comunidade segura e participo do movimento cristão *queer* e de outros movimentos de minorias sociais. Ainda me sinto muitas vezes confuse, ansioso e magoade, mas ao mesmo tempo vivo neste momento alegre, livre e precioso. Estou procurando um Deus mais amplo, diferente do Deus de minha mãe que me machucou.

O conforto que a comunidade *queer* me deu é que ela me permite afirmar meu estado de confusão sem nenhuma ambiguidade. Trata-se de me deixar ser ensinado de que não há problema se eu não conseguir encontrar a resposta ou se eu não tiver nada organizado. Agora, decidi não abandonar nada que seja meu. Mesmo que seja um pouco pesado e difícil, decidi carregar a bagagem que minha existência acumulou. Espero que tudo o que carregamos esteja ok. Para você e para mim, espero que o mundo em que vivemos se torne um pouco melhor.

* N.T. Por Summer Sea se identificar com os pronomes they/them, optamos por usar linguagem inclusiva.

Chen
Xiaoen
de Taiwan



MARGINALIZAÇÃO GERA RECONCILIAÇÃO: COMO SER UMA MINORIA SEXUAL ME TORNA UMA PESSOA MELHOR

Nasci em 1980, cresci em uma família evangélica devota e frequentei a Igreja Presbiteriana em Taiwan (PCT). Desde criança, apeguei-me firmemente a Deus: não por minha criação cristã, nem por minha adolescência quase exclusivamente baseada na igreja, mas por causa de uma consciência de minhas “esquisitices” e solidão, o que me levou para cada vez mais perto de Deus.

42

CHEN XIAOEN

Da mesma forma, não foi por piedade que levei as questões sobre relacionamento seriamente, mesmo antes da minha primeira paixão. Em vez disso, foi o reconhecimento de que o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo não seria aceito pela igreja ou outros cristãos que me levou a refletir muito sobre os tipos e formas de relacionamento: Qual é a diferença entre amor e afeição? O que constitui amizade ou amor romântico? O que marca um relacionamento comprometido ou uma parceria ao longo da vida? O que é casamento? Como negociar a diferença (se houver) entre as visões religiosas e as da lei?

O mesmo se aplica à minha resposta ao chamado de Deus para papéis ministeriais e estudos teológicos: o fervor pela pesquisa bíblica não se origina de uma busca pessoal pelas palavras de Deus, ou mesmo de um gosto por estudos teológicos ou bíblicos; em vez disso, decorre de um desejo de entender o que a Bíblia, o que Deus realmente diz. Sinto a necessidade de aprofundar para discernir o chamado de Deus para minorias sexuais – como eu – e para nossa comunidade, e decifrar as diferentes respostas do povo de Deus a essas palavras em diferentes momentos.

A ausência de orientação pastoral nas igrejas tradicionais me leva a me equipar para o papel de caminhar com os outros enquanto eles caminham na presença de Deus e através de diferentes estágios da vida.

Ainda estou para encontrar as respostas para minhas perguntas. Mas esses anos de busca acentuaram meus anseios e testemunharam a presença e o apoio infalíveis de Deus. Deus é verdadeiramente um Deus presente nos meus dias de miséria e depravação. Também experimentei o poder ressuscitador do renascimento à medida que novos significados e perspectivas trouxeram nova vida às minhas experiências passadas.

Estando ainda dentro dos limites de um seminário conservador, não posso me assumir completamente. No entanto, posso interagir com professores e alunos com uma autenticidade simples. Acredito que com o amor de Deus e uma fé baseada em Jesus, quando o momento da verdade vier à luz no futuro, nos abraçaremos com uma compreensão e unidade mais profundas.

DE TAIWAN

43

Ivon da Alemanha



“A BÍBLIA É ANTI FUNDAMENTALISTA EM SI MESMA” – SER IN-BETWEEN* E FILHA DE DEUS

Quando eu era criança, eu adorava a Bíblia. As histórias falavam comigo e me encorajavam. Mas quando percebi que era *queer*, a Bíblia pareceu se voltar contra mim. Está escrito: Deus criou homens e mulheres — nada entre eles. Somente o amor heterossexual é aceitável a Deus. Ponto final. Lutei comigo mesma — ficando dividida entre meu amor por Deus, a palavra de Deus e minha identidade de gênero/sexual.

* N.T. Por não existir um termo adequado para o uso de “*in-between*” como orientação sexual ou identidade de gênero em Português (BR), optamos por manter o termo no original em inglês. “*In-between*” significaria algo que está entre duas coisas ou que não é nem uma coisa nem outra (cf. Prof. Dr. André Musskopf).

Quando comecei a estudar teologia, aprendi sobre teologia da libertação/feminista/*queer* e leitura da Bíblia. Eu me apaixonei pela Bíblia novamente: ela gira em torno de pessoas oprimidas e marginalizadas — afirmando um Deus que anseia por liberdade e bem-estar para todas as suas criaturas.

Não é só isso: descobri também que a Bíblia é antifundamentalista em si. Por sua estrutura profundamente dialógica, ela nos convida a acrescentar nossas próprias experiências à história de Deus e nos chama a compartilhar a missão de Deus. Compreender isso me trouxe paz com Deus e comigo mesma.

Sou profundamente grata por trabalhar em uma igreja afirmativa LGBTIQ que me permite compartilhar meu amor por Deus e a palavra de Deus com as outras pessoas.

DA ALEMANHA

Judit da Hungria



TESTEMUNHO DE UM DEUS AMOROSO

Eu sou Judit, tenho 39 anos e minha cidade natal é Budapeste. Minha família imediata não praticava o cristianismo, mas aprendi sobre fé com minha avó materna. Minha irmã e eu ficávamos na casa dela nos finais de semana e íamos a uma igreja de tradição reformada (calvinista). Após minha confirmação, aos 17 anos, deixei a igreja porque senti que ela era muito estreita e separada do mundo que agora eu queria explorar enquanto adolescente. Foi também nessa idade que comecei a me apaixonar por garotas.

Durante meus anos de universidade, entrei para a Associação Lésbica Labrisz para mulheres como voluntária e participei da organização de eventos. Eu gostava de ativismo. Fui crente todo esse tempo, mas não sentia necessidade de praticar minha religião. Mais tarde comecei a sentir saudades de uma comunidade religiosa e foi aí que encontrei a *Mozaik Community*, um grupo cristão ecumônico para pessoas LGBTQ+ e seus aliados.

Em 2016, a *Háttér Society*, uma organização LGBTQ+ húngara, teve um projeto chamado “Diálogos LGBTQ e Cristianismo”. Foi assim que participei da minha primeira reunião anual do “Fórum Europeu de Grupos Cristãos LGBTQ”, que mudou minha vida. Eu poderia

descrever essa experiência como tudo se unindo em uma só peça. E essa peça [piece] – ou paz [peace]* – agora posso dizer que foi o Amor de Deus. É isso que nos une no Fórum. Esta peça [piece] e essa paz [peace] também se tornaram minha missão. Depois de participar do Fórum em Gdańsk e ouvir Krzysztof Charamsa, eu sabia que tinha que fazer algo na Hungria para que as pessoas pudessem experimentar o que eu experimentei nesta comunidade. Charamsa falou sobre como nos assumirmos é nosso ato de protesto e nosso ato de resistência em nossas respectivas igrejas. E eu digo: “Eu tive um chamado”.

Naquela época, eu queria me tornar pastora, provavelmente a primeira pastora lésbica assumida na Hungria. As igrejas na Hungria ainda não permitem pastores ou padres homossexuais. Estudei teologia na *Wesley Theological College*, mantida pela Fraternidade Evangélica Húngara, uma igreja não reconhecida como igreja pelo governo por razões políticas.

Eu também trabalhei para a igreja como uma pastora associada. Eu me assumi para esta comunidade. O pastor da congregação está em sua jornada de aceitação, mas infelizmente ainda não se aceita. A maioria da congregação é acolhedora, mas eu descreveria o ambiente da minha igreja como “no caminho”. Eu fui a primeira a me assumir na congregação e no seminário. Também posso dizer que há pequenas mudanças visíveis: durante o Advento de 2019, trabalhamos em conjunto com a igreja e emitimos uma declaração que menciona as pessoas LGBTQ+: “A disseminação do medo e a alienação de grupos sociais distintos por meio de políticas governamentais é um problema mundial que também vivemos na Hungria. Acreditamos que não é o ódio, mas a prática de se conhecer e a inclusão que aproxima todos nós daqueles que pertencem à comunidade LGBTQIA+.”

Estou no meu quarto ano de teologia e o título provisório da minha tese é “Teologia queer como libertação”.

* N.T. A autora faz um jogo de palavras com *piece* (pedaço, peça) e *peace* (paz).

DA HUNGRIA

47

Uschi da Polônia

“ESTOU LUTANDO COM A MINHA BI-VISIBILIDADE”



Sou uma mulher católica romana bissexual de Varsóvia, Polônia, vivendo em um relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo há mais de 15 anos, e sou uma membra ativa e praticante da Igreja.

Estou engajada na Igreja desde a minha adolescência como membra de uma organização predominantemente orientada para os jovens “Movimento Vida-Luz” (*Ruch Swiatło-Życie*), naquela época nunca questionando minha identidade heterossexual. Meu processo de me assumir como bisexual começou quando eu já era adulta e foi bem pensado. Como resultado, fui misericordiosamente poupada de todo o sofrimento da homo/bifobia interna e estava quase perfeitamente em paz comigo mesmo, exceto no meu relacionamento com a Igreja. (Eu sofri homo/bifobia aguda de meus pais, mas essa é uma história diferente). Não sendo uma membra ativa em nenhuma organização, eu ainda assim estava engajada na prática regular; no entanto, como eu sabia que não estava seguindo os ensinamentos da Igreja, por causa da minha vida sexual ativa, seja com o mesmo sexo ou com o sexo diferente, eu não participava dos santos sacramentos. Achava bastante justo: não seguia as regras, mas ao mesmo tempo estava começando a questionar o ensinamento da Igreja sobre a homossexualidade. E quanto mais eu percebia o quão absurdo isso parecia para mim, mais eu me afastava da prática ativa.

Um ponto de virada – e para mim um sinal claro da atividade do Espírito Santo – foi quando me pediram para ser madrinha. Os pais da criança insistiram que eu era a melhor pessoa disponível para desempenhar esse papel, e senti que para apresentar a Igreja Católica à minha afilhada eu precisava estar mais envolvida.

Foi então que me esforcei para conciliar um relacionamento homossexual de longo prazo, amoroso e comprometido com o que a Igreja diz sobre o casamento, e presumi que, como poderia (sic) me casar com minha parceira (apesar da Polônia não ter igualdade no casamento, nem mesmo união civil), eu poderia considerar esses ensinamentos válidos para mim. Estava perfeitamente claro para mim que meu relacionamento não era um pecado, então tudo se encaixou perfeitamente em seu lugar.

No entanto, estou lutando com a minha bi-visibilidade. Entre meus companheiros católicos modernos e de mente aberta, intelectuais de uma cidade grande, posso ser bastante aberta vivendo em um relacionamento com pessoa do mesmo sexo. Isso levanta algumas sobrancelhas, mas não experimentei quase nenhuma rejeição. No entanto, me assumir bisexual é sempre um desafio para mim. Eu sei que posso esperar algum nível de compreensão de que Deus me fez homossexual (ou seja, considerada “imprópria” para o casamento tradicional), mas muito pouco entendimento de que escolho compartilhar minha vida com uma mulher em vez de não ter outra opção. Isso pode ser demais até mesmo para meus companheiros católicos — ou pelo menos acho que sim. Eu quase nunca tenho coragem e resistência para tentar descobrir.

O único lugar onde me sinto absolutamente segura para ser aberta e verdadeiramente eu em todas as minhas identidades é a organização polonesa para cristãos LGBT+: “Fé e Arco-íris” (*Wiar i Tęcza*). Lá recebo apoio emocional, compartilho minhas dúvidas, ajudo os outros, e, acima de tudo, me desenvolvo como cristã em um ambiente acolhedor e ecumônico.

DA POLÔNIA

Ewa
Hołuszko
da Polônia



“EU TIVE QUE TOMAR UMA DECISÃO QUE SALVOU MINHA VIDA”: TRANS E ORTODOXOS

Nasci em 1950, em uma família cristã ortodoxa. A beleza dessa tradição e sua liturgia sempre estiveram perto de meu coração. No entanto, acredito que Deus é o Absoluto a quem os caminhos de diferentes denominações podem levar.

À medida que amadureci, assumir papéis masculinos deu origem a ressentimentos internos e, com o tempo, a uma crescente divisão psicológica. Ao mesmo tempo, sentia atração por mulheres. Eu não conseguia resolver o mistério que causava meus problemas, porque o termo transexual não apareceu na literatura polonesa até 1982. Eu confiei meus problemas a Deus e lutei contra eles através de exercícios físicos intensos. Tornei-me uma crente praticante, sensível

aos assuntos familiares, bem como às injustiças do mundo. Do lado de fora, eu parecia um homem muito duro e intransigente.

Comecei minha atividade contra o regime comunista em 1968, quando co-organizei uma greve escolar em apoio aos estudantes e participei de manifestações. Continuei minha atividade mesmo depois de ter começado a lecionar na Universidade Técnica.

Em 1976, durante uma viagem à Europa Ocidental, descobri quem eu realmente era e que meus problemas estavam relacionados à minha identidade de gênero. Eu já era casada e tinha um filho. Jurei que sobreviveria pelo bem de meus entes queridos em meu odiado corpo biológico, mas em meu discurso interior me dirigia a mim mesma como mulher. Só Deus era o confidente do meu segredo. Não o confiei nem ao meu confessor.

Continuei minhas atividades contra o regime no movimento Solidariedade. Eu era uma membra do conselho de sua unidade de Varsóvia. Enquanto me escondia durante a lei marcial (1981-83), consegui co-construir a maior organização anticomunista clandestina da capital polonesa. Depois da minha prisão, fui submetida a interrogatórios, que aguentei sem entregar ninguém.

Na nova realidade pós-1989, os problemas das pessoas trans se intensificaram. Eu tive que tomar uma decisão que salvou minha vida para entrar no caminho da transição e mudança de sexo. Após a operação, perdi todas as minhas conquistas científicas, sociais e políticas. Passei de uma pessoa conhecida a ninguém na sociedade. Apesar do efeito de choque inicial, a Igreja Ortodoxa me permitiu participar do sacramento da Eucaristia. Embora alguns de seus padres não aceitem as mudanças em minha vida, a Metropolitan nomeou dois padres para serem meus confessores.

Aos poucos estou recuperando meu papel nas atividades sociais e políticas. Por meus serviços à Polônia democrática, recebi alguns dos mais altos prêmios estatais, mas ao mesmo tempo sou frequentemente objeto de assédio e ataques transfóbicos. No entanto, eu sei que finalmente sou eu mesma.

Eu nunca perdi meu senso de conexão com Deus. Nos momentos difíceis da minha infância e juventude, de me esconder do serviço de segurança, na prisão e na perseguição, nas transformações políticas, e mesmo após uma doença oncológica, foi Deus quem me salvou nos momentos mais difíceis da minha vida. Quando decidi me suicidar, Deus me manteve viva. Confio em Deus para que eu não sinta medo da morte. Deus vai me aceitar como eu realmente sou.

DA POLÔNIA

Yael e Yana Yanovich da Russia

“NÓS
APAIXONAMOS
DESDE O INÍCIO”



Lideramos encontros e cultos musicais no *Light of the World* (Luz do Mundo), um grupo cristão LGBT independente e não-denominacional.

Yael: Nascida em uma família conservadora evangélica-batista cristã, eu frequentava reuniões com minha mãe desde criança, e agora, às vezes, visitamos a Catedral Luterana com Yana e a comunidade *Light of the World*.

Percebi minha orientação sexual aos treze anos. Na minha jornada de autoaceitação, quando já fazia parte da *Light of the World*, comecei a perceber que a lei de Deus era para todas as pessoas nos relacionamentos e isso inclui casais e famílias do mesmo sexo.

Yana: Nasci em uma pequena cidade e me mudei para a Sibéria, onde morei e estudei aos vinte anos. Em 2009, estudei em uma escola bíblica organizada pela igreja carismática “Palavra da Vida” em Moscou. Eu estava procurando respostas sobre minha fé e sexualidade. 2009 foi o ano em que Yury e eu organizamos o *Light of the World*, um grupo cristão LGBT. As pessoas me chamam de líder, mas eu prefiro “guardiã”. Eu acreditava que Deus me ama, mas eu precisava de tempo para isso. Eu queria compartilhar esta mensagem com outros LGBTs.

Como nos conhecemos

Yael: Em 2015, encontrei a *Light of the World*, um grupo cristão LGBT e entrei em contato com a líder comunitária – Yana, e comecei a frequentar as atividades da comunidade.

Yana e eu nos apaixonamos desde o início. Insinuei que gostaria de me casar, mas não fiz uma proposta séria porque queria esperar que ela estivesse pronta.

Em 2016, propusemos uma à outra e trocamos alianças e decidimos evitar a intimidade física. Planejamos nos casar em 2017, mas decidimos que precisávamos de mais tempo para nos preparar para o casamento e fortalecer nosso relacionamento. Passamos por um ritual judaico de purificação no mar (*mikvah*) – para nos purificarmos de nossas vidas passadas uma para a outra.

Yana: Eu amo Yael por muitas razões. Ela é atenciosa e solidária. Oramos juntas. Eu simplesmente não consigo imaginar minha vida sem ela.

Ninguém na comunidade LGBT pensa nas bênçãos da igreja. Um dia Yael e eu começamos a conversar sobre relacionamentos antes do casamento e descobrimos que tínhamos o mesmo sonho! Fomos a uma igreja onde oramos por nós e pedimos a Deus uma bênção e perdão por termos estado fisicamente íntimas antes do casamento. Nos chamamos de noivas. Acreditamos que Deus nos abençoou.

Nosso casamento

Yana: Nosso lindo casamento aconteceu em 2018, na *Protestant Kerk Amsterdam – Keizersgrachtkerk*, oficializada por Wielie Elhorst. As lembranças da preparação para o casamento são um grande conforto para nós, principalmente agora, quando somos forçadas a escondê-lo de nossas famílias. Um casamento é um selo de Deus quando duas pessoas fazem uma aliança. Por meio de Deus, o sacerdote selo a relação e a Igreja atua como testemunha.

Yael: Eu amo Yana. Ela é linda, terna; seu coração é grande e cheio de compaixão pelas pessoas. Com ela estou aprendendo a amar e a ser melhor. Vamos à igreja juntas, compartilhamos nossas experiências e ajudamos uma a outra a crescer espiritualmente. Quando Deus está presente em nosso lar, o relacionamento se eleva a um nível especial de santidade.

DA RUSSIA

53

Hanna Medko da Ucrânia

COMO DEUS ME RETRIBUIU



Para muitas de nós que nascemos na União Soviética, aceitar a nós mesmas e a Deus pode ser um desafio. Meu pai cresceu em um orfanato, fora do contato com suas raízes e tradições. Minha mãe foi criada por sua mãe, uma senhora rígida e dominadora, tão pragmática e realista quanto se pode ser. E aqui estava eu, um produto do meu tempo e de meus pais.

No final do meu terceiro ano na escola, minha irmã mais nova foi atropelada por um trator. Esse foi o dia em que eu gritei pela primeira vez a Deus. Ou, para ser mais precisa, eu fiz uma exigência: "Se você existe, você deve fazê-la viver!" Agora entendo que com os traumas que ela sofreu, viver teria sido um resultado mais cruel do que ser libertada dessa dor.

54

HANNA MEDKO

Meu segundo teste veio quando eu tinha 20 anos, quando, por culpa dos médicos, perdi meu filho. Após a operação destruidora do feto, foi diagnosticada minha infertilidade. No ano seguinte, passei em agonia e depressão. Meu coração se tornou como que coberto por uma crosta de gelo. Eu não conseguia sorrir nem chorar. Minhas noites sem dormir foram passadas rezando pela chance de me tornar mãe. Quando um ano depois visitei um médico, ele me disse que talvez, um dia, vários anos após uma revisão cirúrgica ou graças à fertilização *in vitro*, eu pudesse dar à luz um filho. Mas, por enquanto, eles disseram, você precisa de hormônios, e com certeza nunca engravidará "naturalmente". Isto sou eu como um veredito.

Imagine minha surpresa quando precisamente sete dias depois eu percebi que estava grávida! Depois de um mês, foi confirmado por uma parteira. Essa foi a primeira vez que chorei naquele ano. Eu chorava de alegria, sentindo aquela crosta de gelo derreter. Comecei a aprender a sorrir novamente, e a aproveitar cada momento. Cheguei a perceber o que significa experimentar todos os dias como o primeiro e o último ao mesmo tempo. Implorai a Deus por um milagre, e consegui um. Mas Deus tinha planos diferentes para mim.

Quando, muitos anos depois, minha filha trouxe um amigo para casa, o jovem se apresentou dizendo: "Meu nome é Dima e eu sou gay!"

Minha única resposta foi: "Eu sou Hanna e sua orientação não faz diferença para mim". Dizer que ele ficou surpreso é um eufemismo.

Juntos, Dima e minha filha alugaram um apartamento por algum tempo, até que tiveram que se mudar. Foi quando eles perguntaram se poderiam ficar comigo por um tempo. Uma noite, Dima ficou fora até tarde, e eu fiquei preocupada. Eu o chamei para perguntar se ele estava bem. Ele voltou para casa em lágrimas e compartilhou sua história. Ele tinha 14 anos quando teve que fugir de sua família. Ele me contou tudo o que havia acontecido.

Choramos durante a noite, e pela manhã ele me perguntou se poderia me chamar de "mãe". Foi assim que Deus me devolveu o que um dia me havia sido tirado pelos médicos.

DA UCRÂNIA

55

**Rev. Dr. Christina
(Tina) Beardsley
do Reino Unido**



RECONCILIANDO O IRRECONCILIÁVEL?

Em 2017, fui convidada para ser consultora na mais recente tentativa da Igreja da Inglaterra de abordar sexualidade, gênero e identidade humana, chamada *Living in Love and Faith* (LLF, Vivendo em Amor e Fé) que foi divulgada em novembro de 2020.

Dezesseis anos antes, em 2001, fui marginalizada pela liderança da Igreja por ter feito a transição como sacerdote trabalhando na área da saúde. Quatro anos depois, em 2005, meu bispo se tornou mais receptivo. Agora eu estava participando de um projeto nacional da Igreja ao lado de pessoas com visões muito diferentes das minhas sobre pessoas LGBTI+. Um dos objetivos do projeto era reconciliar pessoas com crenças conflitantes sobre sexualidade e identidade de gênero.

Com o passar do tempo, achei isso problemático, pois algumas dessas convicções pareciam totalmente incompatíveis e irreconciliáveis. Como reconciliar um cristão que acredita que o casamento só pode ser entre um homem e uma mulher com um cristão que acredita no casamento igualitário? Ou um cristão que acredita que é pecado alguém fazer a transição com um cristão que considera a transição como

uma afirmação da identidade de gênero dada por Deus a alguém? De fato, a Comunhão Anglicana, em alguma medida, já se dividiu sobre essas coisas.

Minhas preocupações em tentar reconciliar o irreconciliável chegaram ao limite em janeiro de 2019, quando em consciência não pude mais continuar. Tive uma útil entrevista de saída e minhas reflexões iniciais sobre o motivo de minha saída foram publicadas no *Church Times*.

Raramente a Igreja, como instituição, pode pretender ser um espaço neutro onde pessoas de diferentes pontos de vista possam ser reconciliadas. Geralmente tem uma linha, uma posição. Em termos de sexualidade, a Igreja da Inglaterra não permite a celebração de casamentos entre pessoas do mesmo sexo na Igreja, disciplina o clero que se casa com alguém do mesmo sexo e emite declarações que podem deixar as pessoas LGBTI+ se sentindo como pessoas de segunda classe.

Quando a Igreja reúne pessoas com diferentes teologias de identidade de gênero e sexualidade, há desigualdade em vez de equivalência. Para as pessoas LGBTI+ essas discussões não são um debate intelectual, são sobre nossas identidades e nossas vidas. É por isso que muitas pessoas LGBTI+ estão cada vez mais relutantes em se envolver em tais conversas, tanto na sociedade em geral quanto nos ambientes da Igreja; quem somos e como vivemos nossas vidas não deve ser uma questão de debate.

Mesmo antes de me juntar ao Grupo de Coordenação da *Living in Love and Faith*, ficou imediatamente óbvio para mim qual membro do grupo eu deveria “equilibrar” em termos de manter uma teologia oposta em relação à sexualidade e ao gênero. No entanto, como já é a maneira de Deus agir, essa foi a pessoa do grupo com quem eu mais me conectei. Descobri que compartilhávamos um senso de humor semelhante – talvez porque a pessoa também sejam uma espécie de “outsider”, embora de uma maneira diferente de mim – e nós continuam amigos. Por mais improvável que parecesse antes de ingressar no grupo, pelo menos nesse nível pessoal, a reconciliação realmente aconteceu. Bendito seja o Deus das surpresas!

Rev. Tony Franklin-Ross da Nova Zelândia



“VIVENDO O ‘HÍFEN’ QUE MANTÉM A DIVERSIDADE UNIDA” – UM TESTEMUNHO PESSOAL SOBRE O ECUMENISMO QUEER

Refletir sobre viver o “hífen” que mantém a diversidade unida – às vezes em uma tensão que pode ser criativa – também pode parecer a luta de Jacó com os anjos. Vivo em experiências hifenizadas, incluindo pakeha-Kiwi, cis-masculino-queer, gay-cristão, progressista-ortodoxo, discípulo-ordenado, pastor-teólogo e queer-ecumenista.

Quando adolescentes, meu amigo de escola Nick e eu fomos aconselhados por um líder de jovens sobre nossa atração por homens. Nick cometeu suicídio enquanto lutava para reconciliar sua fé e sexualidade. Eu acreditava que ser criado à semelhança de Deus, incluindo minha sexualidade, tinha que ser uma afirmação mais forte do que a alternativa da morte.

Deixei a comunidade da igreja durante meus anos de universidade, aprendi mais sobre mim mesmo como homem gay e descobri a comunidade gay. Mais tarde, senti Deus me chamando para me envolver novamente com a igreja e encontrei uma família na *Auckland Community Church*. Minha teologia foi formada ali através das diversidades de LGBTIQ e heterossexuais. As pessoas eram de diferentes denominações. Para alguns era a sua comunidade de fé primária, e para outros um trampolim para sair da religião organizada ou (re)entrar nela. É uma comunidade de fé à margem do cristianismo convencional, mas a fé é seu centro. Seus membros e o clero que lidera a Eucaristia semanal vêm de uma diversidade de denominações.

Isso me atraiu para o ministério ordenado em minha denominação metodista, com sua estrutura teológica de escritura, tradição, razão e experiência, e, também, meu desejo de ser ecumênico. Fui o primeiro homem gay assumido a ser treinado para ordenação na Igreja Metodista de Aotearoa-Nova Zelândia, e o primeiro a ser ordenado junto com outro homem gay em 2009. Na década de 1990, a Igreja Metodista de Aotearoa-Nova Zelândia foi dilacerada pelo debate sobre sexualidade no ministério ordenado.

Encontrei a publicação “Juntos pela Vida: Missão e Evangelismo em Cenários em Mudança” quando participei da Assembleia do CMI em Busan, em 2013. O coração do documento é seu chamado à missão das margens: desafiando os entendimentos convencionais de que a missão é sempre feita pelo poderoso para o impotente, do Norte global para o Sul global, do heterossexual para o *queer*.

É um desafio claro ouvir as vozes dessas comunidades marginalizadas onde as pessoas encontram força. Há uma diversidade de vozes das margens LGBTIQ+ – de alegria, esperança, medo, dor, mágoa, vida, morte – a infinidade de experiências vividas através das lentes da sexualidade. A mesma abundância de expressão humana encontrada nos Salmos, uma coleção de conversas com Deus.

Minhas experiências particulares das margens *queer* afirmam um ecumenismo *queer*. A teologia *queer* é um amor radical – um amor tão extremo que dissolve as fronteiras existentes que nos separam de outras pessoas, de noções concebidas de gênero e sexualidade ou mesmo de Deus. Uma atitude holística em relação à alteridade é encontrada onde se aprende a incluir e reconhecer aqueles que não se encaixam na própria visão de como viver e agir como um corpo indiviso. O poder que é amor na experiência de tal reconciliação está na liberação do poder de Deus.

Maximilian Feldhake da Alemanha



TOLEIRÂNCIA E INCLUSÃO NO CORAÇÃO DA FÉ

Sou judeu, rabino e gay. Eu tenho 32 anos. Nasci e cresci em Phoenix, Arizona, EUA, e emigrei para a Alemanha em 2012. Vivo e trabalho em Berlim.

Tolerância, inclusão e abertura estão no coração do Judaísmo Reformista. Foi o nosso movimento que ordenou as primeiras rabinas; nosso movimento, ao lado do movimento Reconstrucionista, que primeiro abraçou gays e lésbicas leigos e clérigos.

A questão da orientação sexual na comunidade judaica nunca foi um problema para mim. A rabina sênior da minha sinagoga é uma lésbica

orgulhosa e assumida. Nunca encontrei hostilidade declarada ou homofobia em meu mundo judaico reformista. Para mim – como é o caso de incontáveis milhões de outros judeus de mentalidade progressista – questões de sexualidade não são um problema.

Há uma história talmúdica frequentemente citada sobre qual é a mensagem central da Torá. Um gentio pede ao rabino Hillel que ele o converta com a condição de que Hillel lhe ensine toda a Torá enquanto o gentio fica em um pé. Hillel o converteu e disse: “O que é odioso para você, não faça a outro; isso é toda a Torá, o resto é comentário. Agora vá e aprenda.”

Esta história só realmente faz sentido no contexto da primeira metade da história. O gentio primeiro pediu ao Rabi Shammai para convertê-lo e ensiná-lo toda a Torá enquanto estava em um pé. Shammai dispensa o homem e o empurra para longe com um côvado de construtor [*builder's cubit*].

Infelizmente, para muitos dos meus correligionários, é o exemplo de Shammai e não Hillel que continua a ditar suas atitudes em relação aos judeus LGBTQ. É incompreensível e inconcebível para mim que tantos judeus sejam tratados com ódio e desprezo por aqueles que afirmam representar algum tipo de judaísmo mais autêntico e correto.

Tratar os judeus LGBTQ com amor e aceitação não está em debate – pelo menos da minha perspectiva – e, no entanto, é 2021 e o nível de homofobia que existe em alguns cantos do mundo judaico é realmente terrível.

A única coisa que posso fazer – como judeu e rabino – é continuar aberto, orgulhoso e sem remorso sobre mim mesmo e meus valores. Pessoas de fé intolerantes e regressivas existem em uma infinidade de comunidades religiosas. Não tenho tempo nem paciência para essas pessoas.

Meu judaísmo e meu rabinato estão focados em afirmar os princípios centrais de nossa fé, em capacitar os judeus e fortalecer os laços do povo judeu.

Muhsin Hendricks da África do Sul



MUÇULMANO E GAY NA ÁFRICA DO SUL

Sentir-me rejeitado por ser diferente sempre foi um tema na minha vida. Não somente eu era efeminado e evitado por isso, mas também era canhoto e forçado a escrever e a comer com a mão direita. Nasci em uma família muçulmana conservadora. Meu avô era o Imam (líder religioso) na mesquita da nossa comunidade. Minha mãe era professora lá, e meu pai um curandeiro espiritual.

Eu sabia que eu era diferente dos outros meninos. Eu estava escondendo meu verdadeiro eu, fingindo ser mais um na multidão masculina, mesmo que isso me trouxesse dor sem fim. Sempre que me provocavam, eu sentia a não aceitação que me levava ainda mais para dentro do armário. Entre os 23 e os 29 anos, dei o meu melhor para corresponder às expectativas. Casei com uma mulher e tive três filhos. Foi durante um momento de anseio da minha alma por liberdade que reuni coragem para me afastar de um casamento que oferecia apenas dor para nós dois. Então, me isolei voluntariamente na fazenda de um amigo, dormindo em um celeiro frio e vazio por três meses. Fiz um voto de continuar a jejuar até que Deus me enviasse orientação ou até que a fome me levasse ao meu fim.

Um dia, perto do fim do meu eremitério, tive um momento de certeza. Fiquei impressionado com a sensação de saber quem eu era e percebi que, em toda a minha solidão, nunca estive sozinho e que minha *Hijrah* (migração) para a reclusão era um estágio necessário na jornada da minha alma para que eu me tornasse verdadeiramente eu. Eu sabia que estava me aproximando de Deus e, conhecendo a Deus, o quanto mais eu me conhecia. Fui sendo moldado pelos meus desafios para que um dia eu pudesse ser um pilar de força para aqueles que também buscavam o que sempre os buscou.

Eu estava pronto para me assumir, mesmo que isso significasse o fim da minha vida. Minha necessidade de autenticidade era maior do que minha necessidade de sobreviver. Convidei a mídia para vir e ouvir minha história. Quando a reportagem foi publicada sob título “O Imam gay saiu do armário”, eu sabia que causaria um alvoroço. Fui demitido do meu posto de professor na mesquita e rotulado como “fora do redil” pela minha comunidade. Fiquei feliz por estar fora do aprisco de um Islã que não defendia os valores de inclusão e compaixão sobre os quais eu lia com frequência no Alcorão, que foi meu companheiro em tempos de solidão.

Posso ter perdido muitos anos da minha juventude, mas o que ganhei em Deus não tem preço. Para mim, minha orientação sexual e os desafios que a acompanhavam foram o impulso para um relacionamento maior com meu primeiro amor, meu Criador.

Imam Muhsin Hendricks é fundador da Fundação Al Ghurbaah na Cidade do Cabo, África do Sul. É um lugar onde os muçulmanos que são marginalizados por causa de sua orientação sexual, identidade de gênero e crença podem ir e encontrar apoio psico-espiritual e social. Veja: <https://www.al-ghurbaah.org.za/>

DA ÁFRICA DO SUL

63

OBRIGADO

Uma conquista incrível foi alcançada. Nos últimos dois anos e meio, muitas pessoas estiveram envolvidas no desenvolvimento do “Reconciliação a partir das Margens”. As ideias foram coletadas em uma oficina, em 2019, em Genebra, e a equipe de publicação foi formada. Obrigado a Misza, Kerstin, Pearl e Martin pela coordenação deste trabalho. Desde então, muitos autores e autoras foram encontrados, oferecendo seus testemunhos de diversos países, origens religiosas, identidades de gênero e orientações sexuais. Foi necessário encontrar tradutores e tradutoras para os dez idiomas em que esta publicação é oferecida. A equipe coordenou o processo de edição, negociou com os designers e gráficas e organizou o transporte e a entrega em Karlsruhe a tempo para a Assembleia do CMI. Obrigado a Kerstin e Martin pela introdução à teologia *queer* e ao ex-Secretário Geral do CMI, Bispo Olav Fykse Tveit, por suas palavras de saudação.

Sem as incontáveis horas de trabalho voluntário que foram dedicadas a esta publicação, isto não teria sido possível. Gostaríamos de agradecer e expressar nosso profundo apreço a todos os que fizeram parte deste incrível processo.

É nossa esperança que os leitores e leitoras ouçam e sejam movidos pela “Reconciliação a partir das Margens”. Que seus esforços deem frutos e que esta publicação chegue ao coração e à mente de muitas pessoas durante a Assembleia do CMI em Karlsruhe e além.

Mette Basboll e Gabriele Mayer
Coordenadores da coalizão Rainbow Pilgrims of Faith

Julho, 2022



Reconciliação a partir das Margens

Editora:

Coalizão Rainbow Pilgrims of Faith



Editores:

Kerstin Söderblom, Martin Franke-Coulbeaut, Misza Czerniak, Pearl Wong

Autores:

All-in Saltillo, Rev. Dr. Ana Ester Pádua Freire, Arisdo González, Chen Xiaoen, Rev. Dr. Christina (Tina) Beardsley, Ecclesia, Eros Shaw, Eva Hohuszko, Fabio Meneses, Felicia, Hanna Medko, Hendrika Mayora, Ivon, Joseph Yang, Judit, June Barrett, Kasha Jacqueline Nabagesera, Maximilian Feldhake, Muhsin Hendriks, Noah Brown, Pauline, Shirley e Bell, Small Luk, Summer Sea, Rev. Tony Franklin-Ross, Uchenna, Uschi, Yael e Yana Yanovich



Prefácio:

Bispo Olav Fykse Tveit



Introdução:

Kerstin Söderblom, Martin Franke-Coulbeaut

Tradutores:

Andreas Raschke, Axel Schwaigert, Barbara Schnoor, Carol Shepherd, Christina Holder, Christine Bandilla, Denise Kehler, Dennis Wiedemann, Dorothee Holzapfel, Eva Kaderli, Eva Schwendimann, Franz Kaern, Henning Diesenberg, Kerstin Söderblom, Manuela Tokatli, Martin Franke-Coulbeaut, Monika Bertram, Paul Holmes, Priscilla Schwendimann, Roland Weber, Stefanie Bischof, Susanne Birke, Thomas Pöschl (Alemão); Rym Salameh (Árabe); Shirley FY Lam, Amy Phoon, Chris Weiloon Ng (Chinês); Hyun Sun Oh (Coreano); Alejandra Alonso Tak, Gabriel Nuñez Montoya (Espanhol); Michael Clifton (Francês); Amadeo Udampoh (Indonésio); Rev. Dr. Ana Ester Pádua Freire (Português); Julie Esse (Russo)



Editores literários: *Axel Schwaigert, Kerstin Söderblom, Monika Bertram (Alemão); Rima Nasrallah (Árabe); Pearl Wong (Chinês); Etienne Arcq (Francês); Jim Hodgson, Sadie Hale, Sharon Lee Ellingsen (Inglês); Olga Gerassimenko (Russo)*

Design: *Alix Chauvet, Wieke Willemse*



Layout: *Misza Czerniak*

Esta publicação foi feita com o apoio da ILGA-Europa, Council for World Mission e numerosos doadores privados e institucionais. As opiniões expressas no documento não refletem necessariamente a posição dos doadores.

SUPPORTED BY
ILGA
EUROPE



© 2022